

A VOZ DA FÉ

*O Segredo para uma vida
Bem-sucedida*



EDIR MACEDO

INTRODUCAO

Quando ligamos o rádio com o objetivo de acompanhar uma programação, podemos ouvir fragmentos de vozes enquanto buscamos a melhor sintonia da nossa estação preferida. São vozes que cantam, anunciam um produto ou espetáculo; vozes que dão notícias e nos informam sobre o que acontece ao nosso redor. A voz, que é um meio de comunicação e de expressão humana de emoções, riso e choro, propaga-se sob a influência do ar. Essas vozes vêm de diversas pessoas que estão em diferentes lugares, perto ou muito longe de nós. Nesse turbilhão de vozes, há

uma capaz de calar o medo, dissipar os maus pensamentos, e fazer com que o mais aflito encontre confiança e paz. Essa voz em especial tem o poder de restaurar vidas e parte de uma só Pessoa.

Enquanto algumas vozes têm o poder de nos deixar abatidos, tristes, desanimados e enfraquecidos por permitirmos que penetrem em nosso coração, esta pode nos fazer chegar além do que imaginamos. A Palavra de Deus é a Sua voz preciosa. Ela nos estimula a olhar à frente e avançar determinadamente rumo aos nossos objetivos que, estabelecidos de acordo com ela, são alcançados gradativamente.

Este é um livro sobre fé; sobre a fé sobrenatural que é revelada a todos os que se achegam para Deus, humildes e sedentos por uma mudança de vida, da mesma forma como aconteceu com a mulher que sofria com uma hemorragia por mais de 12 anos; com o paralítico de nascença – aquele carregado pelos amigos e colocado, através do telhado, onde Jesus estava pregando –, a Zaqueu, que subiu em uma árvore para presenciar a passagem de Jesus porque queria muito vê-Lo, e tantos outros que se esforçaram e sacrificaram em prol da certeza que tinham de que Ele é Senhor.

Os que têm o espírito bem nutrido pela Palavra colocam suas dúvidas em xeque

e vencem seus medos. Porque dentro delas há o poder da Luz, o poder dos pensamentos divinos.

REVELACAO DIVINA

1.1. Como acontece a revelação

1.2. Inspiração e expiração

1.3. Primícias

1.4. Fé revelada

1.5. Coloque em prática a revelação de Deus

1.1. COMO ACONTECE A

REVELAÇÃO

O processo da revelação é simples e direto. Deus não precisa contar uma história, dar exemplos ou sequer dizer uma frase. Uma única palavra apenas e toda a Sua vontade é transmitida de forma perfeita e é automaticamente compreendida pelo servo. Não há a mínima chance de dúvida. Isso porque, agindo Deus, ninguém ousa interferir!

Ao receber a revelação, o servo deve colocá-la em prática imediatamente, pois é impossível guardar, segurar ou esconder para si uma revelação divina. Assim é a fé sobrenatural: a revelação Pessoal de Deus aos que crêem.

Nada é mais importante do que a fé sobrenatural revelada pelo Espírito de Deus ao ser humano. Essa importância está no fato de na fé estar, além da salvação eterna da alma, a vida abundante aqui na Terra, prometida pelo Senhor Jesus.

1.2. INSPIRAÇÃO E EXPIRAÇÃO

Cada revelação é uma nova inspiração, nova descoberta

e novo mapa de uma nova mina.

A extensão e a profundidade de uma revelação divina podem ser vistas no desenvolvimento da própria vida na Terra. Para que haja vida, é preciso haver inspiração e expiração de oxigênio. Sem esse processo da natureza não há vida.

O mesmo se dá com as revelações divinas, que precisam da inspiração do Espírito de Deus pelos Seus servos. As revelações divinas são passadas aos discípulos por meio da inspiração da Sua Palavra.

Em obediência à ordem do Senhor, os discípulos transferem tais revelações ao povo por meio da pregação do Evangelho. Isso é a expiração do corpo de Cristo. Quem crê e é batizado recebe vida eterna. Quem não crê...

A revelação divina abre o entendimento humano para a visão de Deus sobre determinados assuntos. No período da Antiga Aliança, a revelação era dada apenas aos profetas, sacerdotes e líderes de Israel. Sob a Nova Aliança, todos os selados com o Espírito Santo têm o mesmo privilégio, ou seja, não precisa ser um oficial da Igreja para ter uma revelação divina. Basta manter a comunhão com Deus em dia.

1.3. PRIMÍCIAS

Jesus Cristo foi a Primícia de Deus para a Salvação dos que crêem. Primícias são os primeiros frutos.

No princípio da civilização, o primeiro filho homem era extremamente considerado e festejado; era o primogênito ou a primícia do casal.

A lei mosaica impunha que os primogênitos, fossem eles pessoas ou animais, seriam consagrados ao Senhor

porque simbolizavam o Primogênito de Deus: Jesus Cristo.

Os dízimos, como primícias, também tipificam Jesus e assim como Ele foi O dízimo de Deus para a Salvação da humanidade, também o dízimo é para a pregação do Reino de Deus.

Em cada experiência humana há sempre a figura do primeiro: os primeiros passos, as primeiras palavras, a primeira ida à escola, a primeira professora, o primeiro amor, a primeira experiência sexual, o primeiro filho, o primeiro emprego; enfim, tudo o que ocupa a posição do número um fica marcado e dificilmente é esquecido.

A figura do primeiro não está restrita apenas às primeiras experiências de vida, mas também aos primeiros relacionamentos da vida. Normalmente, a mãe biológica ou aquela que cria o bebê são as pessoas mais consideradas entre todas. Isso porque são elas as primeiras a se relacionarem com ele desde o seu nascimento. As mães biológicas iniciam este relacionamento antes, durante a gestação. De qualquer forma, as mães são as primeiras pessoas a tratar do bebê; os familiares mais próximos vêm em seguida.

Porém, há certos momentos na vida em que se tem de fazer a escolha pelo mais amado, mais importante e mais

considerado. Um exemplo simples é a hora da entrega da primeira fatia do bolo de aniversário. Será da mãe ou do pai? De quem será?

A criança ama os dois, mas a primeira fatia só pode ser oferecida a um. Neste exato momento, fica registrada a pessoa que ela mais considera. O primeiro pedaço do bolo define a primeira pessoa na vida do aniversariante. Traçando um paralelo bem simplista entre um fato e outro, esta é a idéia principal dos dízimos.

Os dízimos são o elemento divisor entre os que têm colocado o Senhor Jesus Cristo em primeiro lugar na vida em

distinção daqueles que não o fazem. Por conta disso, Deus também promete abrir as janelas do céu sobre aqueles que praticam o dízimo e derramar bênçãos sem medida.

Seria essa uma promessa verdadeira ou apenas uma ilusão? Seria exagero da parte do Altíssimo prometer “bênçãos sem medida e fazer do Seu povo uma terra deleitosa?”

O fato é que ao se colocar Deus em primeiro lugar na vida, por questão de mérito, Ele também fica na obrigação de retornar da mesma forma. Isto é, de considerar o fiel em primeiro lugar.

É uma questão de honra: *“Aos que me*

honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos” (1 Samuel 2.30).

1.4. FÉ REVELADA

A fé sobrenatural não se “acha na esquina”, muito menos surge de qualquer maneira. Ela é uma dádiva de Deus para os chamados e escolhidos, isto é, para os humildes de coração.

“Naquela hora, exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou: Graças te

dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lucas 10.21).

A fé sobrenatural é uma revelação que visa ao livramento do corpo, da alma e do espírito para toda a eternidade.

Como qualquer outra ferramenta, a fé precisa ser usada, praticada para produzir resultados. Caso contrário, ela não tem funcionalidade.

A fé, se não for praticada, torna-se como um corpo morto, sem espírito. Pior que sua inércia, a fé nessa situação faz aumentar sua carga religiosa que é

inoperante.

A falta de seu exercício tem provocado efeito contrário à sua natureza. Além de não produzir benefícios, estimula a cegueira religiosa, tão presente nos escribas e fariseus da época de Jesus.

Obediência à Palavra de Deus requer sacrifícios impostos pela própria essência sobrenatural da fé. Tais sacrifícios são feitos em relação a Deus, ao próximo e à própria pessoa que a tem.

Jó foi exemplo disso. Ele foi homem íntegro e reto, temente a Deus e se desviava do mal.

Essas características nada tinham a ver com os costumes e as festas religiosas, mas com seu comportamento de fé em relação a Deus; o seu sentimento de justiça em relação ao semelhante e de consciência limpa em relação a si mesmo.

O fato de Jó ter sido íntegro e reto está relacionado à sua conduta em relação ao semelhante. Justo no trato com o seu próximo, seja com os servos, seja nos negócios com os outros.

Seu temor a Deus está ligado à sua conduta em relação ao Senhor: ele assumia a própria fé mesmo tendo o poder econômico nas mãos, fato que o

tornava o homem mais rico do Oriente.

Jó se desviava do mal. Esta afirmação diz respeito à sua conduta em relação a si mesmo. Ele protegia sua fé mantendo a consciência pura. A vida de Jó caracterizava atitudes de justiça, misericórdia e fé.

Os cultos às tradições religiosas desviam a pessoa da prática da verdadeira fé. Daí a origem da maior praga entre os religiosos em geral: a hipocrisia.

Os escribas e fariseus eram os maiores oponentes do Senhor Jesus justamente porque deixaram a prática da fé, abandonaram os princípios da fé

mosaica e dos profetas para se envolverem com seus costumes e festas históricas. Por conta disso, fizeram-se os maiores inimigos da Cruz.

Foi em nome dessa tradição que os filhos de Israel conservaram a imagem da serpente de bronze feita por Moisés no deserto. Ela foi feita apenas para aqueles dias. Contudo, eles guardaram aquela imagem como um ídolo. Deram-lhe o nome de Neustã, como se fosse uma deusa e até lhe queimavam incenso, como é possível ler em Números 21.9 e 2 Reis 18.4.

Esse comportamento de fé não tinha nada a ver com a fé de seus pais. Ao

contrário, tomaram um fato isolado do passado e o conservaram como uma tradição religiosa. Justamente o que os escribas e fariseus faziam e ainda fazem em relação às tradições.

Preocupavam-se com a aparência; com a lavagem das mãos, do copo e do prato, mas esqueciam-se da compaixão, da justiça e da prática da fé.

O profundo cuidado pelos discípulos fez o Senhor adverti-los a se manterem longe do fermento dos fariseus. Quando agiu assim, o Senhor estava se referindo à hipocrisia deles.

A hipocrisia se ocupa de maquiar o fingimento, dando-lhe aparência de

misericórdia, pureza e santidade. É a função do fermento na massa: dar melhor vultuosidade, visibilidade.

O Senhor considerava os escribas e fariseus verdadeiros inimigos da fé abraâmica por causa da conduta fingida em relação a ela.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entraís, nem deixais entrar os que estão entrando!” (Mateus 23.13).

Suas doutrinas e ensinamentos eram apenas aparência.

1.5. COLOQUE EM PRÁTICA A REVELAÇÃO DE DEUS

O mundo é feito de idéias. Uma idéia pode revolucionar qualquer tipo de negócio, seja na indústria, no comércio ou na prestação de serviços. Porém, nem mesmo uma grande idéia é auto-executável. Isto é, uma idéia nada pode fazer por si só, alguém precisa colocá-la em prática. Naturalmente, essa prática exige o sacrifício.

Ora, se homens sem qualquer intimidade

com Deus têm alcançado sucesso porque são capazes de ter idéias milionárias, imagine os que são compromissados com o Eterno Criador. As prestadoras de serviços que encontramos na internet são exemplos de idéias excelentes que foram bem executadas por seus idealizadores.

A Revelação Divina é uma idéia que vem de Deus. *“Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”* (Mateus 11.27).

O verbo revelar significa fazer conhecido algo oculto, ignorado ou

secreto. Em geral, a Revelação Divina trata da exposição da vontade de Deus e dos Seus mistérios para a Salvação do ser humano.

Naturalmente, essa Revelação não é conferida a todos, mas apenas aos humildes de coração. Isto é, aos que crêem. Por isso, o Senhor um dia exclamou dizendo: *“Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos”* (Mateus 11.25).

Uma única Revelação Divina não tem preço, primeiro porque assim como um tesouro achado, ela é assombrosamente

rica e maravilhosa; segundo porque ela é a mente do Senhor Jesus Cristo em nossa mente, o que nos permite ver o invisível e compreender o incompreensível, e isto é a contemplação da visão de Deus.

Por menor que possa parecer, uma Revelação Divina é capaz de transformar o mundo daquele que a ouve e pratica. Imagine-a diariamente como o pão nosso de cada dia!

Vejamos alguns fatos que exemplificam os frutos da Revelação Divina:

Noé e sua família foram livres da destruição do dilúvio; Abraão gerou várias nações e encheu a Terra, mesmo

já tendo passado da idade considerada fértil. Some-se a isto o fato de sua primeira esposa ter sido estéril e também já ter passado do período normal de gestação.

“O que acha uma esposa acha o bem e alcançou a benevolência do Senhor”(Provérbios 18.22). Esse favor maravilhoso é uma Revelação Divina. Rebeca foi o fruto dessa Revelação dada a Isaque.

Jacó era pobre. Tão pobre que teve de trabalhar para o sogro rico durante quatorze anos para pagar pelo dote de suas filhas e, seis anos, pelo de seu rebanho. Além disso, o sogro de Jacó

mudou por dez vezes o valor do seu salário. Mesmo assim, devido a uma revelação, Jacó tornou-se mais rico do que o sogro.

José entrou no Egito como escravo, mas uma revelação o fez manter sua fé firme para mais tarde tornar-se governador.

Pedro lançou a rede durante toda a noite e não pegou um só peixe. Porém, quando o Senhor lhe revelou o lado certo de se pescar, ele conseguiu encher dois barcos: *“Entrando em um dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia; e, assentando-se, ensinava do barco as multidões. Quando acabou de falar,*

disse a Simão: Faze-te ao largo, e lançaí as vossas redes para pescar. Respondeu-lhe Simão: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob a tua palavra lançarei as redes. Isto fazendo, apanharam grande quantidade de peixes; e rompiam-se-lhes as redes” (Lucas 5.3-5).

De fato, a revelação tem duplo efeito: sustentar a esperança da fé e devastar as dúvidas. Assim tem sido a revelação da fé!

Uma pessoa de fé é perseverante por natureza, porque sua fé é fruto de uma revelação divina.

No passado, todos os heróis da fé vivenciaram grandes desafios e dificuldades, mas nada disso os fez desviar de seus objetivos. Esses homens sabiam que a “gestação” de seus sonhos tinha origem no trono de Deus. Eles haviam recebido as promessas por meio de revelações do Espírito de Deus e, por isso, realizaram seus sonhos e os deixaram como testemunhos do poder da fé.

A FE E A CONDUTA CRISTA

2.1. Vida abundante

2.2. Disciplina no Reino de Deus

2.3. Fé e confiança

2.4. Fé cega

2.5. A fé e a bateria

2.6. A glória da fé

2.7. Conquistar e estabelecer

2.8. Graças a Deus!

2.9. Causa e efeito

2.1. VIDA ABUNDANTE

Investir na fé é investir na vida; é como semear numa boa terra: certamente, no seu devido tempo, os frutos serão colhidos.

A vida abundante prometida pelo Senhor

não é uma utopia, mas, também, não é automática. Talvez seja por esta razão que muitos têm abandonado a fé.

A qualidade de vida prometida está sujeita ao relacionamento estreito e contínuo com Deus por meio do exercício da fé.

Exercitar a fé não significa, necessariamente, ser religioso ou assíduo na igreja. O exercício da fé exige obediência incondicional aos ensinamentos de Jesus, de acordo com a Bíblia Sagrada.

Muitos têm desperdiçado anos de vida nos vícios, na prostituição e em toda forma desordenada de viver. E, quando

ouvem a promessa divina de uma nova vida, logo pensam que ela acontece automaticamente.

Provavelmente, essas pessoas acreditam que Deus é mágico e que, num estalar de dedos, transformará suas vidas de uma hora para outra.

Realmente, a promessa divina é de nova vida, com abundância. Mas as pessoas precisam entender que essa vida de qualidade depende da parceria com o Altíssimo através da fé.

Deus é Espírito. Para manifestar-Se no mundo físico, Ele precisa da “matéria” – o ser humano sujeito incondicionalmente à Sua Voz ou à Sua Palavra. Essa voz é a

fé.

E, a partir do momento em que se estabelece a parceria do ser humano com o Espírito de Deus, então a plenitude de vida tem início. Pouco a pouco, conforme vai cultivando esse relacionamento, o novo aliado de Deus vai conquistando as promessas.

Naturalmente, a parte mais difícil desta aliança fica por conta do ser humano, porque Deus não obriga ninguém a submeter-se a Ele. Cada um é livre para escolher o próprio caminho. A maioria das pessoas opta por seguir por um caminho contrário ao da fé, mesmo com todo o seu sentimento de fé no coração.

Mas a fé é uma questão de obediência à Palavra e não um sentimento do coração. Confundir fé com sentimento de crença significa frustração total. Vejamos, por exemplo, o sentimento de pesar devido a uma situação difícil: as pessoas, em geral, ao verem um pobre esfomeado jogado na rua, logo sentem pena. Esse sentimento mostra um coração bom. Mas o que adianta ter um bom coração, se não há atitude em relação ao pobre coitado? Melhor seria matar a fome do mendigo, independentemente do sentimento do coração.

Assim também é a fé: de que adianta ter um sentimento de crença em Deus, se não há atitude em relação à Sua voz?

Deus fica na expectativa da ação humana, com respeito à Sua voz, para, então, manifestar Sua reação. É por isso que a vida abundante e eterna depende da ação da fé. Depender da fé significa depender de Deus de forma prática.

A ação da fé resulta na reação de Deus. Daí o porquê da vida abundante e eterna depender da ação da fé, e depender da fé significa depender de Deus de forma prática.

2.2. DISCIPLINA NO

REINO DE DEUS

“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”(Mateus 6.33).

Depender da fé é depender de Deus. E na dependência de Deus há leis e regras que disciplinam o Seu Reino.

Submissão e obediência às regras do Reino são atitudes de fé que implicam no cumprimento de todas as promessas.

Quem quiser gozar os direitos e privilégios do Reino de Deus deve se enquadrar à sua disciplina. Até porque

O mesmo que fez as promessas ditou normas disciplinares para serem obedecidas.

2.3. FÉ E CONFIANÇA

Como um raio que surge e logo desaparece, a ignição da fé acontece em um instante, em um momento de certeza absoluta. Quando isso acontece, há de se aproveitar a oportunidade e agir imediatamente, colocando-a em prática.

A confiança começa com a fé, da

seguinte maneira: primeiro a fé e em seguida a confiança. Se deixar passar aquele momento de fé sem atitude, certamente a chance de uma realização pessoal será perdida. Enquanto a fé oscila entre maior e menor intensidade, a confiança permanece estável.

A fé é como o decolar de um avião, mas quando se alcança a altura desejada, a viagem pode transcorrer usando-se apenas o piloto automático; o que é uma demonstração de confiança. Ou seja, a confiança é o deslocamento contínuo da fé sobrenatural.

2.4. FÉ CEGA

A consciência, pautada em uma fé inteligente, livra o indivíduo da opressão da fé cega, que acontece em virtude da cegueira espiritual reinante no meio religioso em geral.

A fé cega, fruto da emoção, tem obrigado suas vítimas a crerem de qualquer maneira, mesmo sem conhecer a quem se está crendo.

Paulo era um homem profundamente zeloso por sua religião, por isso foi cruel, perverso e intolerante com os primeiros cristãos. Mas, logo após sua experiência pessoal com o Senhor Jesus,

passou a crer também. E de que tipo de fé ele tomou posse? Da fé racional, inteligente e sobrenatural.

Ele não se sentia envergonhado, nem se intimidava com as ameaças dos inimigos por causa dela, porque sabia em Quem estava crendo: *“Não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia”* (2 Timóteo 1.12).

Anteriormente, seu ódio pelos cristãos dava-se em razão de seu fanatismo religioso, pois cultivava a fé nas tradições religiosas, não na Palavra de Deus.

Quando seus olhos espirituais se abriram, também teve o privilégio de conhecer Aquele que os cristãos primitivos tinham conhecido antes dele. Desde então, Paulo deixou de ser perseguidor para ser perseguido.

Os que professam a fé inteligente foram, são, e sempre serão perseguidos implacavelmente pelos que professam a fé cega, natural e irracional.

2.5. A FÉ E A BATERIA

A fé, assim como uma bateria que alimenta os aparelhos eletroeletrônicos,

precisa sempre ser recarregada. Quando compramos um telefone móvel, por exemplo, ele vem, obrigatoriamente, acompanhado do carregador de sua bateria. Esta simples comparação nos ajuda a entender que ninguém, em sua consciência, tem pensado em uma bateria que dure para sempre. Então, por que pensar que a fé é definitiva?

Ora, Deus não nos tem revelado uma fé estática. Se assim fosse Ele não precisaria exortar a combater a boa luta da fé por meio da perseverança: *“Tu, porém, ó homem de Deus (...). Combate o bom combate da fé. Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado e de que fizeste a boa*

confissão perante muitas testemunhas”
(1 Timóteo 6.11,12).

A fé precisa tanto ser exercitada quanto desenvolvida. O seu desenvolvimento acontece por meio da meditação diária da Palavra. E o que carrega a bateria da nossa fé é a Bíblia.

Jesus criou a igreja justamente para recarregar a bateria da fé dos Seus discípulos. Ou seja, para lhes estimular a fé e ensinar-lhes como usá-la no combate às dúvidas e aos seus agentes do mal. Para que eles possam erguer os caídos e os fracos.

É na igreja que buscamos juntos o restabelecimento da comunhão com o

Espírito Santo. A Igreja Universal do Reino de Deus reserva especialmente os domingos e as quartas-feiras para fazermos isto. Nestes dias, recarregamos a bateria da nossa fé, com a leitura da Bíblia e com orações de busca do Espírito Santo e de louvor e adoração ao Senhor.

2.6. A GLÓRIA DA FÉ

Os que vivem a fé sobrenatural têm o direito e o privilégio de verem as promessas de Deus se materializarem

em suas próprias vidas, pois está escrito: *“Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem...”* (Marcos 16.17).

É enorme a diferença entre a qualidade de vida dos que crêem e a dos incrédulos. Os que crêem não são abençoados porque simplesmente dizem crer em Deus, mas porque colocam em prática o que crêem. Por causa disso, suas vidas têm de ser como a árvore plantada junto a um rio, cujas folhas são viçosas e seus frutos permanentes. Enquanto isso, os guiados pela dúvida, a exemplo de Caim, se contorcem de inveja por causa do sucesso dos que crêem.

Apesar de usufruir de uma vida com qualidade elevada, os que vivem a fé sobrenatural são obrigados, por enquanto, a conviver com os que não crêem. Daí surgem as tribulações, provações e os desafios que são provenientes dos conflitos entre a crença e a descrença, entre a Luz e as trevas.

Dar a outra face, conforme escrito em Lucas 6.29, perdoar o imperdoável e orar pelos inimigos perseguidores são alguns dos desafios a serem superados por aqueles que são de Deus, enquanto estão no convívio com os que são descrentes. Isto faz parte do desenvolvimento e aprimoramento da fé. A depuração do ouro é feita no fogo:

quanto maior for a temperatura, mais puro e valioso ele será.

Assim é a fé, e vale a pena passar por suas tribulações. Elas nos fazem crescer e amadurecer. Quanto mais longo for o tempo do deserto, maior será a experiência e mais habilitado para a Obra de Deus o cristão estará.

“E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança” (Romanos 5.3,4).

2.7. CONQUISTAR E ESTABELECE

Fé é para a conquista. Confiança é para estabelecer o que foi conquistado.

A conquista nem sempre é sinal de sucesso, porque nem sempre se mantém o que se conquista. Exemplo disso é o casamento, pois nem todos que se casam se mantêm casados. Casar é fácil; difícil é manter o casamento.

Muitos têm tido fé para conquistar a Salvação, da mesma forma que a têm tido para conquistar o casamento.

Porém, aos primeiros sintomas de dificuldades, a maioria dos casais prefere abandonar a confiança um no outro. Assim, deixa-se a fé com a mesma facilidade que se descasa.

2.8. GRAÇAS A DEUS!

“Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus” (1 Tessalonicenses 5.18).

Quantas vezes temos sido surpreendidos, ora por notícias ruins,

ora por situações extremamente desagradáveis? Esta sensação de desconforto, face a essas notícias e situações, piora quando elas ocorrem após uma vigília de oração ou uma reunião abençoada na igreja.

A reação imediata, quando isso acontece, é praguejar, lamentar, e o pior, comentar e divulgar para pessoas incrédulas. Eis aí uma das principais razões dos grandes fracassos no meio cristão.

Quem é de Deus vive na Luz e tudo o que acontece é para seu bem, se ganhar é bom, perder também é, pois a perda é sinal de que haverá futuras vitórias mais

significativas.

Dar graças não significa resignar-se com os sofrimentos nem aceitá-los como provas vindas de Deus, tampouco é para se lamentar. O lamento dá demasiada importância ao sofrimento, o que, conseqüentemente, glorifica o mal. Isto nos faz lembrar a história dos dois vendedores de sapatos enviados para a Índia.

O primeiro, logo após ter chegado naquele país, ficou abatido e ligou para sua terra natal, pedindo para voltar, já que lá todos andavam descalços.

O segundo, muito alegre, ligou para o seu gerente pedindo-lhe para aumentar a

produção, porque iria vender muito. Afinal, disse ele, o povo estava descalço e a perspectiva de venda era excelente.

Quando se vive na Luz, tudo coopera para o bem. As dificuldades são, de fato, uma grande oportunidade de aprender a depender da fé. Por isso, jamais abandone a confiança nas promessas de Deus.

2.9.CAUSA E EFEITO

O Espírito de Deus nos tem ensinado que, *“assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta”* (Tiago 2.26).

Ele tem determinado a fé sobrenatural como único mecanismo de salvação em todos os aspectos, especialmente no que diz respeito à Salvação eterna.

Entretanto, essa fé não pode ser considerada como um mero sentimento do coração tendo em vista que o sentimento de fé do coração é puramente emotivo e vulgar. É crença que não se pode confiar, haja vista essa fé estar sujeita às circunstâncias, conforme falamos. Isto é, se estas são favoráveis,

então há uma suposta manifestação de fé. Mas, se as circunstâncias não são favoráveis, então não há “fé”. A fé sobrenatural exige atitude independentemente dos sentimentos ou das circunstâncias. Ela segue a lei de causa e efeito, ou seja, se há fé sobrenatural, há ação firme. Se não há fé, naturalmente não há ação. Isso se confirma na Palavra do Senhor ao nos dizer que *“aquele que crer não foge”* (Isaías 28.16). Na falta da fé sobrenatural há insegurança e até medo.

Nesses últimos tempos, o mundo tem vivido numa verdadeira crise de confiança. O noticiário tem registrado queda nas Bolsas de Valores em todo o

mundo. E um dos maiores especialistas no assunto afirma que, no momento, o problema não é a falta de dinheiro, mas de confiança dos investidores.

A falta de fé e o medo têm feito retrair todos os mercados, e a previsão é caos econômico mundial. Conseqüentemente, a perspectiva do futuro é o desemprego em larga escala, pois *“aquilo que o homem semear, isso também ceifará”* (Gálatas 6.7). Tudo o que se semeia é fruto da fé positiva ou da fé negativa. A positiva empurra a pessoa para a frente, enquanto a fé negativa a impede de ir adiante.

De uma forma ou de outra, a fé, por si

só, exige atitude. Se é fé positiva, então a atitude será positiva, mas se é negativa, então a atitude será negativa. Afinal, fé é ação, seja positiva ou negativa.

Os hipócritas defendiam a fé nos escritos de Moisés e dos profetas, mas não a praticavam. A Lei e os profetas exigiam prática de suas regras e caso não fossem observadas, dependendo da sua gravidade, o infrator poderia ser punido até com a morte.

O quadro se repete hoje em dia, quando muitos religiosos, geralmente, têm o mesmo comportamento daqueles hipócritas, ou seja, defendem com unhas

e dentes os costumes e as tradições religiosas, mas se negam à prática dos ensinamentos de Jesus, fundamentados na justiça, misericórdia e fé.

CARACTERISTICAS DA FE

3.1. A fé inteligente

3.2. O oficial romano

3.3. Defesa da fé

3.4. Ainda sobre a fé

3.5. O reino da fé

3.6. A autoridade da fé

3.7. Paixão e fé

3.8. As diferenças da fé

3.1. A FÉ INTELIGENTE

A fé inteligente envolve não só meditação e prática da Palavra de Deus, mas também cobra respostas e cumprimento de Suas Promessas. Está relacionada ao raciocínio e à capacidade de julgar, avaliar, pesar; enfim, conferir a finalidade da própria fé.

O mais interessante nesse tipo de certeza é sua recusa em aceitar a idéia de que o bem e o mal têm a mesma origem. Como admitir uma fonte que jorre água doce e amarga ao mesmo tempo? Não tem sentido e nem é, do ponto de vista racional, inteligente!

Mas a fé emocional sequer questiona tal aberração. E, quando requerida, busca argumentos filosóficos para sustentar sua tese. O problema é que a fé emotiva não acha poder para combater o mal e então o admite como algo natural e inerente à vida. Como muitos dizem: recebemos o bem de Deus; não receberíamos também o mal?

A fé emotiva diz respeito ao sentimento natural de certeza humana. É circunstancial porque depende do momento. Se este é propício, então ela se apresenta forte. Porém, se as circunstâncias são contrárias, então, a fé natural evapora.

A maior e mais significativa diferença entre a fé racional e a emotiva está na disciplina. Enquanto aquela se submete à disciplina do Reino de Deus, esta — por sua própria natureza rebelde —, não se adapta a regras. Por conta disso, a fé emotiva não dá acesso às mesmas conquistas da fé sobrenatural.

Poderíamos comparar a fé emotiva ao

camaleão, que, dependendo do lugar onde esteja, pode se camuflar com a sua cor. Ou como o chuchu, que absorve facilmente o sabor da carne, do peixe ou frango. Já o jiló, não. Seja cozido com carne, peixe, frango ou camarão, ele sempre manterá seu sabor amargo. Assim é a fé emotiva. Comporta-se de acordo com as circunstâncias do momento porque está afinada com o coração enganoso.

Biblicamente, a fé emotiva é tipificada pela carne. Por isso, quem se deixa conduzir por ela jamais consegue se estabelecer no Reino de Deus.

Quando o assunto trata de fé, as pessoas

logo associam com religião, costumes ou tradição. E nem se dão conta da enorme diferença entre a fé emotiva e a racional. Não conseguem discernir a diferença que há entre elas, nem pelos frutos que dão!

Isso acontece porque o espírito da fé emotiva, além de cegar o entendimento, oprime com o fanatismo religioso. O que não acontece com a fé inteligente e sobrenatural porque vem do Espírito de Deus. É consciente e equilibrada na sua prática. Daí não existir qualquer conflito com a razão. Ao contrário, elas se completam, caminham juntas, são parceiras e dependem uma da outra.

A fé sobrenatural é espiritual, é racional e envolve exercício constante do raciocínio. Por isso, fé sobrenatural é fé inteligente. É inteligente porque não está firmada na emoção humana. Mas na capacidade racional de aceitar e praticar a Palavra cuja fonte é o Supremo Ser da inteligência e do saber: o Deus de Abraão, de Isaque e de Israel.

Obviamente, seguir caminhando na fé racional implica em andar na contramão das religiões, porque estas têm oferecido fé compromissada com emoções, o que resulta no fanatismo.

A exemplo disso, temos as festas religiosas que nada acrescentam aos

seus praticantes. É o Natal, a Semana Santa, o Dia do santo “Fulano” etc. Festas puramente emotivas e tendenciosas do ponto de vista comercial, que nada têm de espiritual.

Mas o que tem a ver o Natal com a fé inteligente? Se Jesus sempre existiu, por que celebrar Seu aniversário? O que isso soma na vida dos cristãos?

De fato, é uma festa maligna e injusta porque enquanto alguns têm como festejar, a maioria não tem o que comer! Some-se a isso os inúmeros suicídios que ocorrem nesse dia devido às frustrações até mesmo da própria “fé”. E por que isso acontece? Porque esse tipo

de fé é puramente emotiva, por isso a figura do menino Jesus. Mas Jesus não é menino! Ele é Deus, Auto-existente, Criador dos Céus e da Terra!

Na contramão da fé emotiva há a fé racional. Esta é exigente e não se satisfaz com o ouvir falar de Jesus, mas quer conhecê-Lo pessoalmente. Ele não ressuscitou? Não está vivo? Então, por que não conhecê-Lo pessoalmente?

Será muito exigir da fé racional, pelo menos, uma única experiência pessoal com Ele?

Será que Ele deseja ser adorado mesmo sem ser conhecido? Isso não tem sentido nem é inteligente!

Com suprema inteligência Ele criou seres inteligentes, pessoas que pensam e reconhecem de forma racional Sua grandeza e glória, e então O adoram.

“Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores.”

(João 4.23)

Deus rejeita qualquer tipo de adoração que não envolva a inteligência.

Adorar em espírito é adorar de forma inteligente; é conhecer a Quem se está dirigindo o louvor e saber como fazê-lo.

Isso envolve raciocínio, intelecto, razão... Ou seja, fé inteligente!

Os que professam fé emotiva, apenas sentem as emoções circunstanciais, sendo a música o tempero dessa emoção. Porém, não questionam, não cobram nem exigem conhecer a Quem se adora. Apenas “adoram” o desconhecido.

A fé inteligente trata de crença no invisível. Na busca por meio da oração e meditação na Palavra de Deus, de respostas para os diferentes tipos de problemas que envolvem a raça humana.

Tal qualidade de fé se recusa a aceitar os sofrimentos humanos como carma,

cruz, provação ou coisa semelhante, pois, de acordo com sua própria natureza divina, ela estabelece uma reviravolta, tornando possível a qualidade de vida.

A fé inteligente sabe que sua razão de existir é para a salvação física e espiritual do ser humano. E usa a capacidade de raciocínio para separá-la da fé emotiva. Nela há discernimento espiritual para firmar-se nas promessas de Deus.

Se a fé natural, que envolve a lei de causa e efeito, produz benefícios naturais, imagine o exercício da fé sobrenatural nas promessas de Deus!

Imagine os benefícios da fé sobrenatural praticada em parceria com Ele!

Fé não é para dar suporte à dor, mas para livrar-se dela! Ela tampouco é para sobrecarregar a vida com regras, obrigações e imposições de dogmas religiosos criados pela arte e imaginação humana. Não!

A vontade divina é que cada ser humano viva a plenitude da vida por meio da fé sobrenatural. Por isso Ele garante: “*o justo viverá pela sua fé*” Habacuque 2.4. Isso significa que a pessoa é considerada sem culpa, pela ação de sua própria fé. Por conta dessa justificativa ela passa a ter o direito à plenitude da

vida criada por Deus para Seus filhos.

De modo geral, a maioria dos religiosos é desinformada a respeito desse tipo de fé. E, apesar de sua crença em Deus, não tem visto retorno. São pessoas sinceras, mas cegas no entendimento espiritual. Sua prática está fundamentada na emoção e tradição. Por conta disso, conflita com a razão.

O emocional sempre conflita com o racional. Não questiona a fé. Aceitam-na como dogma e pronto! Do cultivo desse tipo de fé vem o fanatismo religioso, tão latente no mundo.

Se analisarmos a diferença entre a qualidade de vida dessa maioria

religiosa e dos ateus, estes certamente levam vantagem, porque só usam a inteligência. O mesmo não acontece entre os que praticam a fé inteligente e as demais pessoas religiosas ou atéias. A razão cobra da fé fatos sobrenaturais que a justifiquem. E só a fé sobrenatural, inteligente e racional é capaz de corresponder a esse anseio. Mas a fé natural não satisfaz aos anseios da razão, nem se preocupa com isso, porque do ponto de vista espiritual, fé não se discute.

3.2. O OFICIAL ROMANO

Na antiga cidade de Cafarnaum aconteceu um fato maravilhoso que exemplifica bem a fé inteligente:

“Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, implorando: Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente. Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado.

Pois também eu sou homem sujeito à

autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz. Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta.

Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes.

Então, disse Jesus ao centurião: Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E,

naquela mesma hora, o servo foi curado” (Mateus 8.5-13).

Esse texto confere com o tipo de fé procurado por Jesus, que é a fé inteligente. Não apenas porque ela busca razão para crer, mas, sobretudo, porque leva o fiel a oferecer a Deus culto racional e inteligente.

O centurião justificou sua crença em Jesus porque cria na autoridade de Sua Palavra.

Ele mesmo estava acostumado tanto a obedecer quanto a exercer autoridade, baseado na autoridade de uma palavra. “Manda quem pode e obedece quem tem juízo”, é a lei natural da autoridade no

mundo.

O centurião achou em Jesus a razão de sua crença. Aquele homem reconheceu Sua autoridade divina e pediu-Lhe apenas uma palavra.

A Palavra que sai da boca de Deus não pode voltar vazia, mas cumpre o seu objetivo: *“Assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei”* (Isaías 55.11).

3.3. DEFESA DA FÉ

Ao contrário do que muitos supõem, a fé racional não é instrumento apenas de conquistas e realizações de sonhos, mas ela também é uma ferramenta de defesa e manutenção dos sonhos realizados. Sobretudo da Salvação eterna.

A Salvação eterna é como o casamento: fácil de ser alcançada e difícil de ser mantida a ponto de permanecer durante toda a vida neste mundo.

Assim como o ato de se casar é fácil, também é o fato de reconhecer Jesus como Senhor e Salvador, numa cerimônia religiosa.

E da mesma forma como o relacionamento a dois exige sacrifício

constante de ambas as partes para manter o casamento, acontece em relação à salvação. Ou seja, há que se negar a si mesmo, tomar a cruz e obedecer os conselhos do Senhor Jesus.

Enquanto o amor une e mantém o casal, a fé une e mantém o contato com Deus. Mas tanto o amor quanto a fé exigem o sacrifício, sem o qual não há manutenção no relacionamento.

Tratando-se de fé emotiva, não se pode esperar realização de sonhos. Quem vive baseado na fé emotiva é como criança. Criança não pensa, apenas age na intuição das emoções. Por isso não há conquista de coisa alguma, nem mesmo

da salvação eterna!

Fé emotiva é fé carnal. Prova disso é sua impaciência e completa falta de perseverança. Não tem força para enfrentar dificuldades, nem para esperar em Deus. Ao menor sinal de problema, surgem logo as dúvidas seguidas pelo desânimo.

O mais desastroso da fé emotiva é a promoção do nascimento da carne. Ela convence o suposto cristão de algo que ele não é. Ela dá a “sensação de certeza” do que se quer possuir. Porém, tal sensação é puro fruto da emoção despertada pelo ambiente de louvor e paz da igreja.

Os espíritos enganadores se aproveitam dessa situação para promover em suas vítimas as “línguas estranhas”, “profecias”, os “cânticos em línguas”, fazendo-as pensar terem sido batizadas com o Espírito Santo. E o aparente “gozo e alegria” duram enquanto transcorre a reunião.

Contudo, ao sair daquele ambiente, a sensação de agonia e tristeza retorna. E com o tempo verifica-se que os frutos daquele “batismo” continuam sendo ruins. A conduta da pessoa é a mesma de antes do batismo.

Prostituição, sensualidade, idolatria, feitiçaria, inimizades, ciúmes, iras,

discórdias, contendas, facções, invejas, bebedices, glotonarias e até o mau uso da internet. Enfim, comportamentos semelhantes ao de qualquer incrédulo.

Ao meditar sobre sua qualidade de vida, o fiel descobre que a mudança é insignificante e apenas em alguns aspectos. Não totalmente.

A promessa de vida abundante cristã não aconteceu e nem há qualquer perspectiva de acontecer. E então vem a frustração com a igreja e até com Deus.

De quem é a culpa? A culpa é o nascimento da carne promovido pela fé emotiva.

A fé emotiva está para a fé inteligente assim como o joio está para o trigo. Da forma como o joio amarra o trigo, também a fé emotiva engessa a fé racional.

Atribuir a culpa dos fracassos da fé emotiva a terceiros é uma forma de fugir da responsabilidade pessoal para com a obediência à Palavra de Deus cujo ensinamento é claro com respeito à sua prática. Deus nos tem dado inteligência para avaliar todas as coisas e reter o que é bom.

Não se deve decidir nada na vida com base nas emoções ou sentimentos do coração. Em vez disso, há que se usar a

inteligência. Isso também se aplica em relação à vida espiritual.

Deus não aceita fazer aliança com alguém na base de sentimentos. Mas, sim, na base da razão. Isto é, estabelecendo Sua Palavra como referencial de vida e praticando-a a cada dia. A razão tem de ocupar o lugar do coração. Do contrário, nenhuma aliança, com Deus ou no casamento, dará certo.

É isso que Deus espera daqueles que nEle crêem de verdade! Compromissos e obrigações assumidos e praticados por aqueles que se aliaram a Ele. O fiel obedece os mandamentos e Ele cumpre

Suas promessas. Isso é racional e sobrenatural. É fé que produz benefícios.

Fé sobrenatural é fé racional, espiritual e consistente. Por ser revelada pelo Espírito Santo nela se encontram poder e coragem para confrontar as adversidades normais da vida.

Nela há confiança de que Deus fará aquilo que prometeu fazer. Por conta disso não se abala diante das tempestades e pacientemente aguarda os frutos da perseverança.

Uma das virtudes da fé racional é atuar como antídoto contra o vírus da dúvida.

3.4. AINDA SOBRE A FÉ

Quando se fala da fé bíblica, fala-se de fé sobrenatural. Isto é, trata-se de certeza sobrenatural, e de convicção vinda do alto que invade o íntimo humano, tornando-o tranqüilo e em paz com Deus.

Enquanto a fé natural se sustenta em conhecimentos naturais do tipo: se plantar feijão vai colher feijão; se entrar na chuva vai se molhar, a fé sobrenatural se sustenta em conhecimentos

sobrenaturais adquiridos no ouvir a Palavra de Deus.

Por isso, a fé vinda de Deus não tem nada de sentimentos humanos, como o entusiasmo ou a emoção. Ela é certeza sobrenatural, certeza que jorra do mais profundo do interior.

O Senhor Jesus disse: *“Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”* (João 7.38).

Esse fluir de águas vivas é o Espírito Santo. Mas como é possível o Espírito Santo fluir? Por meio da manifestação da fé, ou manifestação de certezas absolutas, convicções íntimas.

Por exemplo: tenho certeza de que o Senhor Jesus voltará para nos buscar. Essa convicção nada tem a ver com qualquer sentimento humano, mas é algo sobrenatural que faz parte do meu ser espiritual. Se começo a falar sobre esse assunto, do meu interior irão jorrar palavras convincentes inspiradas pelo Espírito Santo.

Assim também, quando há manifestação da fé sobrenatural, há palavras poderosas convincentes aos ouvintes. Mas convincentes, não de entusiasmo ou emoção, mas de certeza absoluta.

Isso faz os ouvintes serem encharcados pelos rios de água viva da fé. Os rios de

água viva são a manifestação do Espírito Santo em forma de certeza, convicção ou fé sobrenatural.

Em outras palavras, a fé sobrenatural trata do poder de Deus à disposição dos que foram selados.

Fé é certeza. Contudo, querer ter certeza não é ter certeza; desejar ter certeza também não é ter certeza. Acreditar que tem certeza também não significa ter certeza...

A certeza é uma convicção íntima que dispensa o trabalho de convencimento. Quem a tem, simplesmente age!

A fé é um dom de Deus e não mera força

de vontade ou desejo sincero, e nem adianta a pessoa pensar ter fé e confessar se sabe que não tem! Em termos de fé não existe mais ou menos. Ou é ou não é!

Muita gente tem tomado decisões erradas motivadas por uma sincera vontade de querer crer. E não é assim! A fé sobrenatural é uma convicção. Seu poder é tamanho que sequer a morte pode abalá-la.

Paulo chama esse tipo de fé de “loucura” para o mundo: *“Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las,*

porque elas se discernem espiritualmente” (1 Coríntios 2.14).

Não existe meio termo em questão de fé. Ou você tem a fé vinda de Deus ou não tem. E quando se tem, quanto maior forem as dificuldades, as barreiras, tais como injustiças, perseguições, calúnias, provocações, desprezos, falta de compreensão, maior solidez terá a fé.

A fé vinda de Deus é como árvore frutífera: no seu devido tempo, os frutos aparecem. A cada ano, na estação determinada, a árvore frutífera produz seus frutos, independentemente das circunstâncias.

3.5. O REINO DA FÉ

“Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência. (...) Porque o reino de Deus está dentro de vós”(Lucas 17.20,21).

De fato, o Reino de Deus começou com a ressurreição de Jesus; para ser mais específico, quando Ele soprou o Espírito Santo sobre os apóstolos. A partir daí, a covardia e o medo que tinham deu lugar à intrepidez e coragem na divulgação do Evangelho.

Essa mudança radical de comportamento veio com o recebimento do Espírito de Deus, ou seja, o Reino de Deus tem início na vida de alguém quando este recebe o Espírito Santo.

Aí se explica o fato de o Reino de Deus não ter visível aparência. Vivem neste Reino os que estão sujeitos aos princípios da Lei de Deus, que são justiça, misericórdia e fé, conforme lemos em Mateus 23.

Reino de Deus é reino de fé, de direção e reinado de Jesus por meio do Espírito Santo; não é reino de teorias e prática de tradições religiosas, mas da atitude de obediência às suas regras: *“Porque o*

reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14.17).

3.6. A AUTORIDADE DA FÉ

O que é autoridade? Autoridade é o direito de poder ou mando.

Verificamos dois tipos de autoridade: a natural, como a dos pais, políticos, executivos e profissionais em geral, e a sobrenatural, que está ligada à fé.

Enquanto a autoridade natural parte de um ser humano em relação a outro ser humano, a sobrenatural é exclusiva aos escolhidos por Deus.

Desde a criação da humanidade, ao longo da história de Israel, Deus tem usado servos, cujos corações são totalmente dedicados à Sua vontade, na restauração da raça humana: *“Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”* (Mateus 28.18-19).

Para tanto, Ele tem outorgado Sua unção

aos servos. Essa unção evidencia nitidamente a parceria d'Ele com o servo.

Nessa parceria, o objetivo é a obra de restauração do ser humano. Daí a transferência de Sua autoridade aos servos.

Tratando-se de autoridade divina, de onde vem o poder da fé sobrenatural? De onde, senão da autoridade de Deus?

A autoridade da fé nasce no Seu Autor e Consumador: Jesus Cristo: *“Olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da*

ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus” (Hebreus 12.2).

Um exemplo disso foi a ordem do Senhor Jesus aos discípulos, quando literalmente os mandou curar os enfermos, expulsar os demônios e até ressuscitar mortos. Eles não tinham capacidade ou poder próprio para executarem tal tarefa, pois eram simples pescadores sem qualquer instrução intelectual, mas a partir da ordem do Filho de Deus, tornaram-se habilitados – ao obedecerem, pela fé –, para a realização desta missão. A obediência à Palavra do Senhor deu a eles autoridade e poder para executarem a vontade de Deus.

A cura dos enfermos, a libertação dos oprimidos, bem como todos os demais milagres realizados por eles, não aconteceram devido aos méritos pessoais, mas pela ação exclusiva da fé praticada na Palavra do Senhor.

Assim é a Obra de Deus: só pode ser feita mediante a ação da fé. Ou seja, a certeza de que Deus fará exatamente aquilo que prometeu que faria.

A química do sucesso dos conquistadores se baseia na combinação entre fé e autoridade. A fé trata da ação de obediência à Palavra de Deus e a autoridade é consequência da ação da fé. A combinação da fé com a autoridade

funciona automaticamente.

3.7. PAIXÃO E FÉ

A fé consciente ignora as emoções da alma porque se fundamenta nos ensinamentos e nas promessas de Deus. Ela contrapõe-se aos princípios das religiões, pois estas têm seus alicerces fundamentados na fé nos sentimentos tradicionalistas.

A alma do religioso exige sentir algo que está aquém da certeza absoluta. Esta certeza absoluta é a fé em que Deus fará

exatamente aquilo que prometeu que faria. Os religiosos têm apoiado sua crença nos sentimentos da alma. E a verdadeira fé diz respeito apenas aos valores do raciocínio ou do espírito.

Deus é Espírito. Sua comunicação com o ser humano está restrita ao espírito humano, não à sua alma! Deus fala na consciência, no intelecto, na mente, por meio da Sua Palavra. Porque a resposta tem de vir da expressão do intelecto. Se Deus falasse ao coração, a resposta humana seria baseada na paixão, nos sentimentos da alma, e não na razão.

Ele não quer ser seguido ou servido por sentimentalismos fantasiosos do

coração. Uma coisa é servir a Deus movido pela paixão, pela emoção, e outra é servi-Lo conscientemente. A resposta que Deus espera do ser humano deve ser tomada na sua consciência e não no seu coração, isto é, no espírito e não na alma.

Quantas pessoas casam-se apenas porque são levadas pelo sentimento do coração, sem fazerem sequer uma reflexão sobre as questões que envolvem um casamento? E dessas, quantas se mantêm fiéis até a morte? Isso acontece porque os sentimentos do coração, ou da alma, não têm consistência. Ao mesmo tempo em que essas pessoas são capazes de fazer juras

de amor, também são capazes de se xingar e até de se odiar.

O coração humano tem sido fonte de paixão e ódio.

O mesmo casal, que um dia esteve agarradinho e feliz diante do juiz para se casar, recorre à Lei para descasar, porque os carinhos se transformaram em tapas e os beijos em agressões verbais. Diante disso, eu pergunto: como Deus poderia confiar nos sentimentos do coração humano?

Por isso, o relacionamento com Ele só pode acontecer no campo racional. Como ponte para o relacionamento da criatura com o Criador, a fé sobrenatural

envolve muito mais que os sentimentos fugazes do coração, pois ela é consciente. Do espírito humano para o Espírito de Deus; da mente humana para a mente do Senhor Jesus Cristo. Mas somente os nascidos do Espírito têm a mente de Deus: *“Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo”* (1 Coríntios 2.14-16).

3.8. AS DIFERENÇAS DA FÉ

Todos os humanos nascem com a fé natural. Independentemente da religião que professam, a fé natural é inerente a todos os seres humanos. Sem ela, é impossível viver. Para ficar de pé as pessoas precisam crer que seus pés suportarão o peso do corpo; o trabalhador crê que no final do mês receberá seu salário; o paciente precisa crer na capacidade de seu médico para

ser ajudado; o agricultor precisa crer para semear. E assim por diante.

Nenhuma profissão, nenhum trabalho é executado sem a fé natural. Absolutamente tudo neste mundo é feito mediante a fé natural.

Pedro, usando a fé natural, lançou as redes no mar durante toda a noite e nada conseguiu. O que significa que a fé natural nem sempre produz o efeito desejado, porque está sujeita às circunstâncias. O que não acontece com a fé sobrenatural, pois esta não está sujeita a nada além da confiança na Palavra de Deus. Ela é sobrenatural porque depende da revelação divina.

Pedro respondeu: “*Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob a tua palavra lançarei as redes*” (Lucas 5.5).

Ora, como pescador experiente, Pedro tinha consciência de não haver peixes ali, mas, em obediência à palavra de Jesus – ato de fé sobrenatural –, ele lançou a rede. Feito isso, recolheu tantos peixes que precisou da ajuda de outros pescadores para não perder nenhum deles.

Pedro usou tanto a fé natural quanto a sobrenatural. A primeira falhou, mas a segunda funcionou além do que estava previsto.

Esse é o tipo de fé que traz benefícios práticos neste mundo e, sobretudo, no vindouro. Contudo, é preciso tomar cuidado para não confundir a fé sobrenatural com a emotiva. A sobrenatural tem a ver com a razão e a emotiva com os sentimentos.

A fé sobrenatural nos impulsiona a crer que Deus cumprirá tudo o que prometeu, independentemente dos sentimentos ou circunstâncias.

OS INIMIGOS DA FÉ

4.1. O diabo e a fé

4.2. Dois tipos de pessoa

4.3. Ferramenta do mal

4.4. A voz da fé

4.5. O furto de Absalão

4.1. O DIABO E A FÉ

O diabo e seus demônios sabem distinguir perfeitamente a fé das emoções, especialmente quando ela está sendo exercitada contra eles. Nesse caso, o corpo físico do cristão se torna incandescente. Ou seja, todo o corpo se torna iluminado aos olhos dos espíritos imundos.

Não foi à toa que o Senhor Jesus disse que Seus discípulos seriam a luz do mundo. Essa luz não é visível aos olhos humanos.

Os espíritos imundos vêem a Luz da fé nos nascidos de Deus e ficam impotentes

diante deles.

Portanto, quem tem a fé vinda de Deus não se afoba, não se impacienta, não se desespera, não foge, não se intimida, não teme, não se justifica, enfim, não manifesta em hipótese alguma qualquer sombra de dúvida.

Por quê? Porque nele jaz a semente divina! O poder de Deus! O mesmo Fogo da sarça ardente!

Se a verdadeira fé não fosse o poder de Deus para a salvação da alma e vitória sobre as hostes do inferno, o diabo não usaria a dúvida como ferramenta.

Ele provocou a Deus, no episódio sobre

Jó, e ao Senhor Jesus no deserto, usando a dúvida como ferramenta. Ele continua com a mesma técnica para desviar as pessoas do caminho da fé.

Por isso, Deus exortou Josué a ser forte e corajoso, para ter o cuidado de obedecer à Sua Palavra e não se desviar dela nem para a direita nem para a esquerda: *“Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares”* (Josué 1.7).

Satanás tem usado parceiros supostamente crentes para desfocar a fé dos sinceros por meio de doutrinas humanas, costumes e tradições.

4.2. DOIS TIPOS DE PESSOA

Há dois tipos de pessoas no mundo: as que crêem e as que não crêem em Deus. E são tipificadas pela relação entre Abel e Caim; Isaque e Ismael; Jacó e Esaú. A fé e a dúvida sempre estiveram, e estarão, em conflito. Por conta disso, não há a mínima chance de paz na Terra.

A fé é o poder de Deus para a Salvação dos que crêem, enquanto a dúvida é o poder do mal para a destruição dos que não crêem.

Enquanto as pessoas de fé vivem na Luz e são luz, as que vivem na dúvida permanecem nas trevas e são trevas. Como estabilizar esta convivência? Como pode haver paz entre seres humanos que, radicalmente, são opostos entre si? Impossível!

Esta é a razão porque o Senhor disse não ter vindo trazer paz à Terra: *“Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu*

pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa.”

(Mateus 10.34-36)

Nas palavras do Senhor, a crença e a descrença transformam em inimigos até os entes mais queridos de uma mesma família. Ora, se os membros de uma família se tornam inimigos devido à crença de uns contra a descrença de outros, imagine no relacionamento extrafamiliar?

Reúna os que crêem com os que não crêem e a divergência de opiniões logo aparecerá, pois não há como harmonizá-las. Os da crença têm a direção divina,

haja vista viverem na fé do Criador, mas os da descrença, em geral, são movidos por paixões circunstanciais e são indefinidos nas suas posições, porque são movidos pela essência da dúvida, que é a hesitação, a incerteza. Eles vivem sob a pressão da dúvida.

Os que são da fé compreendem os que são da dúvida. Afinal, quem é da fé também já esteve do outro lado. Porém, jamais concordarão entre si. Os da descrença vêem os da fé como fanáticos porque esses acreditam no invisível. Portanto, enquanto houver humanidade haverá conflitos.

4.3. FERRAMENTA DO MAL

Se a fé é a ferramenta de Salvação, a dúvida é a ferramenta da perdição. Como inimiga número um do homem, a dúvida é considerada como a mãe de todos os demais problemas enfrentados pela humanidade. Dela nascem insegurança, desconfiança, medo, tristeza, preocupação, angústia, depressão etc., sentimentos que promovem enorme debilidade na alma humana.

Os espíritos do mal trabalham com a dúvida a fim de implantar a fraqueza no ser humano para depois tomar posse de

sua matéria. Obviamente, sem o corpo humano, seu trabalho de matar, roubar e destruir estará fadado ao fracasso. Pois, como poderiam realizar seus males sem o uso do corpo humano?

Um espírito, por si mesmo, não tem como agir. Somente o Espírito de Deus tem poder de realizar qualquer coisa sem o corpo humano. Ele criou todas as coisas antes da criação humana.

Mas os espíritos imundos não têm a mesma capacidade, haja vista não haver neles corpo físico. Eles dependem da “matéria humana” para executar suas idéias e pensamentos sujos e nocivos à própria humanidade.

Somente o ser humano reúne condições de executar seus planos destruidores porque têm mecanismos para isso. Em um assassinato, por exemplo, o estímulo vem de uma força maligna, mas sua execução é feita pelas mãos humanas.

O mesmo se dá em relação à pedofilia. Como é possível o adulto querer possuir uma criança inocente quando há uma infinidade de mulheres disponíveis?

A causa dessa monstruosidade está na inspiração e direção de um espírito imundo. Sua execução está a cargo do seu possuído: o homem.

Quem inspira as guerras? Os principados do mal. Quem as executa?

Os governantes possuídos por eles.

Todos os males, sem exceção, praticados e vivenciados pela humanidade têm sua fonte na mente de satanás. Isso não exclui, de maneira nenhuma, a culpabilidade do homem. Afinal, ele tem sido parceiro de satanás na execução de suas idéias.

O homem tem vontade própria para rejeitar tais idéias e inspirações malignas. Para tanto, precisa fazer uso do poder da fé.

Do contrário, independentemente da camada social, será sempre “burrinho”, “cavalo” ou “aparelho” dos espíritos imundos.

Portanto, a obra dos espíritos imundos está sujeita à escolha do ser humano entre a fé ou a dúvida: optar pela palavra da fé no Deus Vivo ou permitir a descrença da palavra de dúvida. Para onde inclinar sua alma, será salvo ou estará perdido eternamente.

4.4. A VOZ DA FÉ

Enquanto a fé é a voz viva de Deus no interior humano, a dúvida também é uma voz viva que vem do diabo. Obviamente, quem se submete à voz da fé e a coloca em prática segue a Luz. É como ensina o Senhor Jesus: “*Quem me*

segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (João 8.12).

Mas quem O rejeita ou nega-se a dar ouvidos à Sua Palavra, certamente se manterá nas trevas. E quem anda nas trevas não tem consciência de onde vai. Tal pessoa vive na dúvida e se mantém desorientada no caminho a seguir.

Muita gente tem gasto rios de dinheiro em tratamentos psicológicos porque não sabem o que querem. São pessoas indecisas, cheias de medo, desconfiadas, tristes e vazias. Tudo isso ocorre em função da ausência da fé.

Poucos sabem que do mesmo jeito que o

corpodepende de nutrientes, e a almade amor, também o espíritohumano depende de alimento, que vem por meio da voz de Deus. Isto é, a Palavra que procede da boca do Altíssimo.

A melhor literatura que temos jamais saciará a sede do espírito humano!

Jesus refutou a oferta do diabo dizendo: *“Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”* (Mateus 4.4).

Os que têm o espírito bem nutrido pela Palavra colocam suas dúvidas em xeque e vencem seus medos. Por que essas pessoas agem assim? Porque dentro delas há o poder da Luz, o poder dos

pensamentos divinos. Usando o poder dos pensamentos divinos, quem poderá resistir a tais pessoas? Quem poderá barrar o caminho dos que pensam como Deus?

Essa é a voz da fé que impele a pessoa a olhar para frente e avançar firme e determinada! É o instinto da crença em si próprio e, sobretudo, em Deus. É a fé em ação.

A voz da fé completa a pessoa, fazendo-a acreditar também em si mesma. Por isso essa pessoa se torna vencedora na vida. Se ela confessa crença em Deus, mas não acredita no seu próprio potencial de realização, então sua fé não

é inteligente, muito menos é a voz de Deus. Se, ao contrário, ela não crê em Deus, mas acredita em si mesma, então essa pessoa tem mais chance de vencer na vida do que os que crêem em Deus e não crêem em si mesma. O exemplo disso são as pessoas ricas: a maioria delas crê em si mesma e nada tem a ver com a fé em Deus.

Seu descompromisso com a voz da fé fazem-nas inescrupulosas em relação às conquistas econômicas. Mas a paixão pelo dinheiro as faz famintas e insaciáveis até à morte. E o pior: morte sem esperança de Salvação.

Mas a voz da fé habilita a conquista do

sucesso material e, sobretudo, o espiritual, que é a vida eterna. Para que serve ganhar todo o dinheiro do mundo e perder a alma?

A voz da fé inteligente dá juízo e coragem para conquistar as bênçãos divinas sem colocar em risco a Salvação. Nada no imediatismo, mas na base da perseverança e paciência alcançamos nossos objetivos paulatinamente. Tudo de acordo com a vontade de Deus.

4.5. O FURTO DE ABSALÃO

Quem vive na fé emotiva, inconscientemente está sujeito a se rebelar contra Deus. É o que a Bíblia relata no caso do filho do rei Davi.

“Desta maneira fazia Absalão a todo o Israel que vinha ao rei para juízo e, assim, ele furtava o coração dos homens de Israel” (2 Samuel 15.6).

Com promessas e beijos, Absalão furtava o coração dos homens de Israel. Quem deseja ter seu coração roubado? A princípio, ninguém! Porque significa ser enganado.

Para evitar ser enganado, é preciso usar o raciocínio mesmo quando o assunto é a fé, e não se deixar levar pela fé

emotiva, porque esta faz o cristão inerte e refém do engano religioso.

Aproveitando a “boa-fé emotiva” das pessoas, o diabo as separa da fé inteligente usando argumentos puramente emotivos.

Um exemplo são as pessoas que se dizem injustiçadas por não terem sido atendidas pelo pastor com o amor que esperavam. Sob essa alegação de injustiça na igreja, onde há exercício da fé inteligente, o diabo usa como argumento a “falta de amor” do pastor ou de alguém de lá.

Absalão foi usado pelo diabo para corromper o coração de muitos homens,

jogando-os contra o próprio pai. E a rebelião contra um ungido de Deus significa rebelião contra o próprio Deus.

Diante disso veio sua morte, bem como a de seus comandados.

Muitos pastores, caídos na fé, seguem os passos de Absalão. Não lutam pelos perdidos, mas se empenham em furta o coração dos que estão começando na fé inteligente, e, assim, desviá-los para a fé emotiva: *“Enviou Absalão emissários secretos por todas as tribos de Israel, dizendo: Quando ouvirdes o som das trombetas, direis: Absalão é rei em Hebrom! De Jerusalém foram com Absalão duzentos homens convidados,*

porém iam na sua simplicidade, porque nada sabiam daquele negócio” (2 Samuel 15.10,11).

A IMPORTÂNCIA DA FE

5.1. Méritos pela fé

5.2. Ferramenta da salvação

5.3. Os dois valentes

5.4. Fé na conquista espiritual

5.5. Fé na conquista da saúde física

5.6. Fé na conquista material

5.7. A fé e a paz

5.8. A luz da fé

5.9. Fé para viver na fé

5.1. MÉRITOS PELA FÉ

Por que ninguém merece nada de Deus? Porque Deus é santo, puro, perfeito, e todos os seres humanos são, no mínimo, pecadores, impuros, imperfeitos no caráter. Dada essa distância infinita que nos separa do Altíssimo, ninguém está apto, por si mesmo, a ter acesso a Deus.

Mas, como para Deus nada é impossível, Ele traçou um plano pelo

qual qualquer pecador, por pior que seja, tenha acesso à Sua presença e se torne merecedor de Sua atenção e bênçãos.

A fé é o meio pelo qual qualquer pessoa pode tornar-se merecedora. Obviamente, não estamos falando da fé teórica, assumida de forma natural pelo mundo, mas da fé prática.

Teoricamente, todo mundo acredita em Deus. Alguns, indo além, crêem em Jesus como Salvador, acreditam na Sua Palavra, nos Seus profetas e na Sua Igreja, mas, na prática, não assumem essa crença com obediência. E, como a fé exige obediência, atitude e ação, fica

difícil para esse tipo de crente tomar posse das promessas divinas. Essa é a razão pela qual a maioria desses crentes crê num Deus grandioso, mas vivem uma vida muito mesquinha. O problema deles é resultado de uma fé sem obras.

A fé sem obediência pode até funcionar na hora da morte, como no caso do ladrão na Cruz, mas, na vida diária, o cristão tem de praticá-la para conquistar seus benefícios e, sobretudo, a Salvação de sua alma. Porque, se a pessoa não tem fé para conquistar as coisas mínimas, como irá conquistar a maior de todas as bênçãos, que é a Salvação da própria alma?

Obediência à Palavra de Deus é a prática da fé e vice-versa. A prática da fé transforma o pecador em merecedor diante de Deus. É o caso de Abraão. Ele foi considerado justo, ou seja, merecedor das bênçãos do Senhor por causa da sua obediência, da prática de sua fé. Como está escrito: “*Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu...*” (Hebreus 11.8).

A expressão “*faça por onde que eu te ajudarei*”, que atribuem a Deus, acontece na prática, pois quem quiser fazer por merecer as respostas de Deus tem de manifestar a fé!

O apóstolo Tiago pergunta: “*Não foi por*

obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque?” (Tiago 2.21). Isso quer dizer que Abraão materializou sua fé por meio de sua obediência. Isso foi suficiente para que ele fosse considerado justo diante de Deus e merecedor. Ele não somente creu, mas tomou atitude em relação à sua crença.

Esse tipo de obra é que aponta a verdadeira fé; por isso Tiago afirma que sem obras a fé é morta. Poderíamos até acrescentar que a fé sem obras é mortal, porque faz a pessoa pensar que o fato de ter fé já é suficiente.

O fato é que a obediência à Palavra do Senhor torna o pecador em merecedor, justo e santo diante de Deus; por conta disso vem o cumprimento de Suas promessas.

A Bíblia define Deus como galardoador dos que O buscam. Tal busca se dá quando se pratica ou obedece à Sua Palavra. E, sendo Ele galardoador, Seu trabalho é premiar os que são merecedores de recompensas, aqueles que se destacam.

A Bíblia não diz que Deus é doador, porque doar significa presentear a qualquer um, mas galardoar significa premiar os que merecem. E aí está a

grande diferença!

O dizimista fiel, por exemplo, torna-se merecedor das riquezas divinas, isto é, ele tem direito ao “prêmio” prometido por Deus. Que tipo de prêmio? Bênçãos sem medida, conforme descrito em Malaquias 3.10: *“Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida.”*

5.2. FERRAMENTA DA

SALVAÇÃO

Nada nem ninguém é mais importante que a fé sobrenatural revelada pelo Espírito de Deus ao ser humano. Tão enorme é a sua importância que a Bíblia não apenas a coloca como única ponte de ligação com Deus, mas como única ferramenta de Salvação eterna: “*o justo viverá pela sua fé*” (Habacuque 2.4). Sobre sua importância, também está escrito que “*todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma*” (Hebreus 10.38).

A fé sobrenatural revelada é a direção do Espírito Santo na revelação do Seu

Filho Jesus Cristo. Nenhum anjo ou ser humano tem poder ou capacidade para revelar Jesus às pessoas, porque isso é obra exclusiva do Espírito Santo.

E assim como Ele revela Seu Filho, também revela a fé como ferramenta de salvação.

A plenitude da vida depende da plenitude da fé, da mesma forma que a vida depende do oxigênio. Essa certeza absoluta se caracteriza na obediência à Palavra de Deus. O versículo de Habacuque, que vimos anteriormente, demonstra que a pessoa só se torna merecedora diante de Deus por meio da sua fé praticada.

Somente a fé no Filho de Deus faz a pessoa justa, isto é, sem culpa perante Deus. Todos os pecados são automaticamente apagados a partir da fé exclusiva em Jesus, sem que seja dividida entre Ele e mais alguém ou alguma coisa. Fato que implica no imediato abandono da religião professada até então.

E, no caso de relaxamento na fé ou seu abandono, então os direitos dessa pessoa também são cancelados diante de Deus.

...o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma.(Hebreus 10.38)

A fé, uma vez revelada e praticada, neutraliza o poder da dúvida. Este sentimento caracteriza um compromisso com o mal e separa o ser humano de Deus. Porque aquele que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento do mal. A Bíblia adverte que tal pessoa não alcançará de Deus alguma coisa: *“Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa”* (Tiago 1.6,7).

5.3. OS DOIS VALENTES

“Quando o valente, bem armado, guarda a sua própria casa, ficam em segurança todos os seus bens. Sobrevindo, porém, um mais valente do que ele, vence-o, tira-lhe a armadura em que confiava e lhe divide os despojos” (Lucas 11.21,22).

Destacamos a palavra “valente”, porque, na Bíblia, o valente é tratado como herói, e seus feitos retratam a sua fé prática, a fé que agrada a Deus.

Mas o Senhor Jesus também considera o espírito imundo como um valente que age na vida dos alienados da fé. Ou seja, como um valente espiritual, vindo do mal, que domina não apenas a vida de

suas vítimas, mas também todos os seus pertences. Porém, quando alguém mais valente chega àquela vida e amarra o antigo valente, toma-lhe tudo o que havia obtido.

Nesta passagem bíblica, o Senhor trata do valente da fé e do valente da dúvida. Este somente solta sua vítima quando aquele exerce sua autoridade espiritual.

O Reino de Deus não consiste em palavras, mas no exercício do poder da fé. Os agentes do mal são ministros da dúvida. Além de terem o poder para dominar a vida dos que não crêem, eles têm predominado sobre todos os povos. Não importa o grau de instrução, a

camada social ou a religião professada; esses valentes têm aprisionado suas vítimas apenas porque elas não crêem de fato e de verdade.

Os valentes do mal têm ampla liberdade de ação nos reinos deste mundo. E, porque os que não crêem vivem sujeitos a esse reino, são presas fáceis do mal. O mesmo não acontece com aqueles que são da fé. Estes vivem no Reino de Deus, que é considerado como o Reino da Fé. Afinal, quem vive pela fé vive no Reino da Fé, e os valentes do mal não têm acesso a ele, tampouco aos seus habitantes.

Diferentemente do que acontece com

aqueles que vivem no reino deste mundo, os que pertencem ao Reino da Fé têm a autoridade do Reino de Deus para expulsar os agentes do mal de suas próprias vidas e da vida daqueles que assim desejarem. Além disso, são tipificados pelo Senhor como sendo os mais valentes.

Mas porque o Senhor Jesus faz a colocação de dois valentes? O valente é caracterizado pela coragem e conquista. Mas qual é o tipo de conquista tratado pelo Senhor?

O assunto sobre os dois valentes começou quando Jesus expulsou o espírito imundo que mantinha um homem

mudo: *“De outra feita, estava Jesus expelindo um demônio que era mudo. E aconteceu que, ao sair o demônio, o mudo passou a falar; e as multidões se admiravam”* (Lucas 11.14). Logo após ficar livre do espírito maligno, o homem passou a falar normalmente.

O Evangelho de Mateus registra que esse homem não era só mudo, mas também cego: *“Então, lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver”* (Mateus 12.22).

Mas os religiosos hipócritas criticaram Jesus dizendo que Ele expelia demônios pelo poder de Belzebu, chefe dos

demônios.

“E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós” (Mateus 12.27,28).

Enquanto possuído pelo espírito imundo, o homem era cego e surdo. Um valente mais forte do que ele dominava todo o seu corpo. Mas ao chegar àquela criatura e expulsar o mal, Jesus mostrou ser o Valente mais forte.

Aquele homem vivia sujeito ao reino das trevas, dominado por um de seus

muitos agentes. Mas, liberto pelo Espírito de Deus, ficou livre para seguir no Reino de Deus.

Para que haja o estabelecimento do Reino de Deus, é imprescindível que o reino das trevas seja retirado. Daí a razão porque o Senhor tem concedido autoridade aos Seus servos: para pôr em liberdade os cativos do reino das trevas.

5.4. FÉ NA CONQUISTA ESPIRITUAL

A fé necessária para a conquista de perdão e da Salvação eterna exige

arrependimento sincero. Sentimento de pesar pelo erro cometido não é arrependimento, é remorso.

Arrependimento é a atitude de fé para a confissão e o abandono do pecado. Judas é a personificação do remorso. Ele, motivado pelo sentimento de remorso cometeu o suicídio; coisa que Judas jamais teria feito se tivesse se arrependido da traição que havia cometido.

O contrário aconteceu com Pedro, que mesmo tendo traído Jesus, a exemplo de Judas, se arrependeu verdadeiramente. Vemos, assim, que arrependimento não tem nada a ver com sentimentos, mas,

sim, com atitude de rejeição ao pecado e de abandono dele. Isto é ação!

Acontece o mesmo em relação à fé. Esta não é um mero sentimento do coração, mas uma atitude de entrega total a quem se crê. Isto também é ação!

Relacionar sentimentos do coração ao arrependimento ou à fé é um erro gravíssimo. É a principal razão das frustrações espirituais.

A pessoa que sente tristeza por ter ofendido alguém é acometida de tanto remorso que acaba pedindo perdão ao ofendido. Contudo, passado algum tempo, ela esquece aquela ofensa e comete outra pior contra a mesma

pessoa. Por quê? Porque não houve arrependimento pela primeira ofensa proferida!

O arrependimento sincero envolve mudança de comportamento em relação a Deus e às demais pessoas. Verifica-se, assim, que a conquista da Salvação eterna depende de atitudes de fé, tanto para o arrependimento sincero quanto para o perdão ao próximo.

5.5. FÉ NA CONQUISTA DA SAÚDE FÍSICA

A fé necessária para o recebimento da

cura divina está relacionada à atitude de se assumir a promessa divina.

A Palavra de Deus afirma que o Senhor Jesus tomou sobre Si as nossas dores e enfermidades: *“Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si”* (Isaías 53.4).

Qualquer enfermo que toma posse dessa promessa fica curado sem qualquer intervenção humana. Contudo, é preciso que ele creia de fato e de verdade.

Evidentemente, há os dons do Espírito Santo no ministério da Igreja Cristã, entre os quais está o dom da cura divina. Por isso, são inúmeras as pessoas

beneficiadas pela manifestação desse dom. Mesmo assim, há que se crer de verdade na ação do Espírito Santo, por meio de Seus servos.

Infelizmente, nem todos têm fé para tomar posse da cura divina, o que não significa que a cura não seja para todos, mas apenas para os que crêem!

5.6. FÉ NA CONQUISTA MATERIAL

A fé na conquista material é a única que independe de oração, jejum ou mesmo de se freqüentar a igreja. A conquista de

um bem material ou de uma vida financeira abastada depende da fé que se externa na oferta.

Qual o tipo de fé que dispensa a oferta? Nenhuma, sob nenhum aspecto. Existe manifestação de fé sem a oferta? Não existe fé sem oferta, assim como não existe oferta sem fé.

Certamente, os teólogos incrédulos preferem optar por uma fé mais abstrata e descompromissada; uma forma mais cômoda de se “crer” em Deus. Mas quando se trata da fé bíblica, a fé apoiada na Palavra de Deus, não há como dissociá-la da oferta.

5.7. A FÉ E A PAZ

O primeiro resultado do exercício da fé sobrenatural é a paz interior.

Os seres humanos vivem num conflito íntimo constante entre a razão e a emoção. Enquanto a razão puxa para um lado, o coração puxa para outro. Normalmente, o coração tem vencido essa batalha. Daí as frustrações na vida.

As dúvidas surgem em decorrência disso, o que acarreta uma série de situações desconfortáveis como a insegurança, incerteza e toda uma gama de distúrbios emocionais e espirituais que induzem ao fracasso em todas as

áreas da vida.

Essa guerra travada no interior mostra-se no exterior, transformando a pessoa hostil às demais. Porém, tudo isso desaparece a partir do momento em que a fé sobrenatural entra em ação. As dúvidas dão lugar à segurança e firmeza de caráter, neutralizando, assim, as dúvidas.

Em razão disso, a paz interior se estabelece.

A ausência da paz interior identifica claramente a falta do novo nascimento.

Se a fé sobrenatural gera a paz interior, a dúvida gera conflitos no interior. O

fracasso ou o sucesso de cada um depende do que há no interior humano.

Não há remédio para a cura dos conflitos íntimos senão por meio da fé. Enquanto a dúvida é alimentada por uma força espiritual do mal, a fé é o poder de Deus para neutralizá-la.

Mas quem decide seguir a voz da dúvida ou da fé é a própria pessoa. Quem se aventura a lutar contra a dúvida usando a força da carne, perderá a batalha.

A dúvida é um espírito que serve ao inferno. Como um vírus altamente destruidor, esse espírito tem atuado no mundo espalhando o terror e o medo, especialmente no meio da igreja cristã.

Jesus o assemelha ao joio e ao fermento. Esse espírito tem sido responsável pelas discórdias, desavenças, calúnias e toda a sorte de palavras infamatórias contra o povo de Deus.

Qualquer pessoa negativa é um condutor em potencial desse mal. O espírito da dúvida obriga sua vítima a olhar para trás sempre que tem de tomar decisões. As experiências amargas do passado, com certeza, influenciam para a escolha errada.

Esse tem sido o caminho usado pelo mal na destruição dos seres humanos. E o pior de tudo é que as pessoas não percebem que colhem hoje os frutos da

semente plantada ontem. Se uma decisão é tomada de forma errada hoje, amanhã se sofre os danos. Uma má escolha hoje, resultará em frutos maus amanhã.

Quer dizer: o futuro de cada um depende do que se planta no presente. Isso elimina a tese de destino traçado, carma, sorte, azar, méritos ou qualquer outra coisa parecida!

Tudo o que a pessoa semear, irá colher. É uma lei fixa da natureza que não se pode alterar. Importa a escolha certa. Mas quem pode escolher o certo guiado pelo espírito da dúvida?

Na fé inteligente há direção do Espírito de Deus para se plantar o que é certo e

bom. Aí há sabedoria de investimento no futuro. Por conta disso, o futuro será obrigatoriamente promissor.

Essa é a mente; esses são os pensamentos de Deus que trazem vida.

Daí há perfeita paz interior. Tal qualidade de fé sempre produz esperança no futuro e mantém o coração seguro e sossegado.

A vitória no futuro é consequência da atitude de fé no presente.

5.8. A LUZ DA FÉ

A luz caminha em linha reta. As trevas ocupam todos os espaços onde há ausência de luz. O Espírito de Deus nos tem ensinado que não há como caminhar na Luz sem a fé sobrenatural. Isso significa que quando se anda na dúvida é porque se está nas trevas: *“Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar  nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida”* (João 8.12).

A cegueira provocada pelas trevas faz com que as pessoas não experimentem a verdadeira liberdade, pois são inseguras e medrosas. Isso faz com que vivam com dúvidas, estressadas, deprimidas e insatisfeitas.

Em oposição a isto, há firmeza e segurança na Luz. Ela nos permite saber onde pisamos e isso nos dá segurança. Vivendo na Luz somos felizes porque trazemos o Tesouro oculto dentro de nós.

O Senhor Jesus Cristo é a Luz do mundo, Seus discípulos também o são. Quem é da Luz anda na retidão, porque vive na Luz, e vive na fé, porque confia na Luz que vem por meio da fé sobrenatural.

Quem não é da fé vive vagueando nas dúvidas das trevas.

“Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (1 João 2.6).

5.9. FÉ PARA VIVER NA FÉ

Além de servir para justificação diante de Deus, a fé serve também para eliminar as dúvidas que surgem ao longo da vida. Dúvidas com respeito ao casamento, sexo, consumo do álcool e aos costumes em geral, além de outros tantos de ordem pessoal que só devem ser sanadas mediante a fé racional.

Quem deve me instruir quanto ao meu relacionamento conjugal? Quem deve ditar normas de conduta para o meu

casamento? Quem deve dizer o que devo ou não beber ou comer?

Essas questões são estritamente individuais e exigem decisões estritamente pessoais. Daí a necessidade de fé.

A prática da fé inteligente dá ao praticante a liberdade de tomar as próprias decisões. Isso evita viver na fé alheia e lamentar as más escolhas.

“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão” (Gálatas 5.1).

Ninguém tem o direito de conduzir a

vida alheia, salvo o Espírito de Deus. Mas isso Ele faz quando há ouvidos que ouvem e mentes que obedecem a Sua Palavra.

Mas, e se a Palavra não é clara quando o assunto é de foro íntimo?

Ora, o Espírito Santo opera em nós instruindo segundo Sua vontade. E quando Ele instrui, é pela fé que Ele o faz. Logo, a fé é o caminho a seguir. O que para alguns é pecado, para outros não é. E vice-versa.

O fato é que a paz do Senhor Jesus tem de ser o árbitro em cada coração. Se o meu coração está em paz com Deus, quem tem autoridade de me dizer o que

devo ou não fazer?

É por isso que temos insistido no novo nascimento, pois quem é nascido do Espírito é espírito e vive pelo Espírito, isto é, pela fé. Ademais, tudo o que não provém de fé é pecado: “*Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração*” (Colossenses 3.15).

A NECESSIDADE DO SACRIFÍCIO

6.1. Fé e sacrifício

6.2. Sacrifício na oferta

6.3. Espontaneidade do sacrifício

6.1. FÉ E SACRIFÍCIO

Só a fé natural pode dispensar o

sacrifício. Não há ação da fé inteligente sem o sacrifício. Esse princípio de fé foi ensinado pelo Senhor ao dizer: *“Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me”* (Mateus 16.24).

Tal ensinamento, dirigido aos discípulos e seguidores, exige os três níveis de sacrifício a seguir.

1 – O sacrifício de negar a si mesmo:

Diz respeito ao martírio dos desejos da carne, que é necessário para agradarmos a Deus.

2 – O sacrifício de colocar a cruz sobre

os próprios ombros:

Significa que erguer a cruz e em seguida colocá-la de volta ao chão não exige muito esforço. Porém, acomodá-la sobre os próprios ombros, e carregá-la por toda a vida, exige plena certeza de que haverá salvação no final da trajetória. É o sacrifício sobrenatural.

3 – O sacrifício de caminhar com a cruz e ainda seguir nos passos de Jesus.

Diz respeito às características da vida cristã representadas por perdoar os ofensores, orar pelos inimigos, calar diante dos escárnios, regozijar pelas injustiças sofridas pela causa da fé, aceitar as humilhações e, às vezes, até a

própria morte são apenas algumas pegadas do Senhor.

Tudo isso requer fé muito além da natural. Envolve convicção sobrenatural revelada pelo Espírito de Deus.

A fé natural e irracional não atende à vontade divina. Em vez disso, ela induz as pessoas a satisfazerem aos próprios desejos.

Mas por que a fé sobrenatural, que é inteligente e racional, almeja satisfazer a vontade d'Aquele que o gerou? Porque é exigência da própria fé sobrenatural! Sacrificar seu eu em favor do Seu doador.

O Senhor foi o Primeiro a sacrificar para nos salvar. Ou seja, para nos agradar Ele teve de sacrificar. Logo, para agradá-Lo, temos também de sacrificar. É uma troca de fé sobrenatural. Ele foi o Primeiro a cumprir a promessa: Dai, e, dar-se-vos-á...

Vemos assim que o sacrifício é a principal característica da fé sobrenatural.

6.2. SACRIFÍCIO NA OFERTA

Na oferta de sacrifício há materialização da fé sobrenatural. Obviamente, não estamos tratando apenas do sacrifício perfeito relacionado às ofertas econômicas, mas tudo o que é oferecido a Deus por meio de sacrifício. O sacrifício no comportamento em relação a Deus e ao semelhante, por exemplo. Seja na obra espiritual, seja na obra secular, conforme escrito: *“Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”* (Marcos 12.17).

Não adianta a pessoa ser fiel somente na igreja ou diante dos irmãos e ser infiel à esposa, ao marido, à família ou no trabalho etc. Se a pessoa é movida pela fé inteligente, seu sacrifício se estenderá

além do altar, indo até à sua casa, à rua onde mora, ao trabalho, enfim, onde quer que ela esteja. Sua conduta deve ser sua oferta contínua de sacrifício. Assim, se não ganhar almas pela fala, o fará pelo seu comportamento exemplar.

Isso é fé sobrenatural prática. Como recompensa, acontece o mesmo com as promessas divinas, que deixam de ser teóricas e passam a reais na vida dessa pessoa.

Quer dizer: a lei física de ação e reação descoberta por Newton também se aplica no campo espiritual ao nos provar que: “Para cada ação há sempre uma reação, oposta e de mesma

intensidade.”O Espírito Santo ensina a mesma lei, da seguinte maneira: “*aquilo que o homem semear, isso também ceifar*” (Gálatas 6.7).

Na prática, isso nos leva a dizer que se a fé de alguém na promessa de Deus é puramente teórica, então o cumprimento da mesma na vida desse alguém também será teórico. Porém, se a fé na Palavra de Deus é colocada em prática, então a resposta divina também será cumprida: “*Daí, e dar-se-vos-á*” (Lucas 6.38). Uma questão de justiça divina que depende da ação da fé.

A fé sobrenatural exige a atitude do sacrifício por causa de sua natureza

espiritual. Não é o que acontece com a fé emotiva que repulsa qualquer tipo de sacrifício porque sua natureza humana é, naturalmente, egoísta. Se o assunto é fé sobrenatural, então a atitude também tem de ser sobrenatural.

Abraão, Jefté, Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego são alguns exemplos extraordinários de fé. Na qualidade de suas ofertas de sacrifícios, mostraram a qualidade de fé que agrada a Deus.

Além de significar dependência total da parte do fiel ao Altíssimo, é a forma mais convincente – aos olhos do mal – de provar que o ofertante decidiu

dedicar sua vida cem por cento a Deus.

No sacrifício está a vida do sacrificante. Caso o sacrifício seja imperfeito como foi o de Caim, significa que a confiança em Deus também não é total. Caim ofereceu oferta sacrificial, mas nela faltou o elemento mais importante do sacrifício, que é o sangue.

No sangue está a vida da oferta. Ele é sinal de parceria com Deus. Na falta dele a oferta não tem representatividade. Ou seja, falta o representante da vida do ofertante. Daí o sacrifício de Caim não ter sido aceito. Não estamos nos referindo literalmente ao sangue, mas a atitudes de sacrifício em relação à

verdadeira fé. São como as orações, os louvores, as canções e as ofertas dedicadas a Deus de forma habitual, mas sem espírito.

6.3. ESPONTANEIDADE DO SACRIFÍCIO

Se existe alguma obrigatoriedade no sacrifício, esta deve ser exclusivamente por imposição da própria fé do sacrificante e não motivada por terceiros.

Deus é Espírito e, podemos dizer que o espírito é como o vento, que não nos

permite saber de onde vem nem para onde vai. A fé sobrenatural é a ação do Espírito de Deus no interior humano. Sua ação impele o sacrifício porque é a voz de Deus.

Quem é capaz de conquistar sem sacrifício?

Quem já obteve vitória ou alcançou sucesso sem sacrifício?

E o altar é o único lugar sagrado para sacrificar.

Monte Sinai, Monte Carmelo, Monte Calvário, Monte das Oliveiras, Monte da Transfiguração, Monte Moriá, Monte Hermon e todos os demais montes

bíblicos foram usados no passado como altares naturais no relacionamento verdadeiro entre Deus e os heróis da fé.

Cada um desses homens tinha um determinado Monte ligado à sua vida:

1) MONTE MORIÁ

Abraão está ligado a este Monte, que também é chamado O Senhor Proverá, porque lá ele ofereceu seu filho Isaque como sacrifício.

Davi está ligado ao Monte Moriá, porque lá estava a eira de Araúna e foi onde ele ofereceu os sacrifícios que

interromperam a praga em Israel.

Salomão edificou o Templo do Senhor no Monte Moriá.

2) MONTE SINAI

Moisés está ligado ao Monte Sinai porque lá se rendeu à chamada de Deus.

3) MONTE HOR

Lá Moisés retirou a vestimenta sacerdotal de Arão e a colocou em seu filho para substituí-lo, e ali ele morreu e

foi sepultado.

4) MONTE GERIZIM

Neste Monte, Moisés ordenou que fosse pronunciada a bênção, e no Monte Ebal, a maldição: *“Quando, porém, o Senhor, teu Deus, te introduzir na terra a que vais para possuí-la, então, pronunciarás a bênção sobre o monte Gerizim e a maldição sobre o monte Ebal”* (Deuteronômio).

5) MONTE EBAL

No Monte Ebal, Josué edificou um altar ao Senhor: *“Então, Josué edificou um altar ao Senhor, Deus de Israel, no monte Ebal”* (Josué 8.30).

6) MONTE CARMELO

O Profeta Elias está ligado aos Montes Carmelo e Sinai. No primeiro ele desafiou os profetas de Baal e no segundo encontrou refúgio quando fugiu de Jezabel.

O ministério terreno do Senhor Jesus está marcado pelos seguintes Montes: das Oliveiras, da Transfiguração, das Bem-aventuranças e, finalmente, ao

Monte Calvário onde foi sacrificado. O Monte Sião é o lugar onde o Senhor Jesus glorificado estará com os cento e quarenta e quatro mil: *“Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na fronte escrito o seu nome e o nome de seu Pai”* (Apocalipse 14.1).

FE E DINHEIRO

7.1. Dinheiro e oferta

7.2. Que tipo de oferta acompanha a fé prática?

7.3. O que seria boa medida para Deus?

7.4. O que significa boa medida recalçada?

7.5. O que dizer sobre boa medida, recalçada e sacudida?

7.6. Oferta financeira

7.7. Dízimo: sinal de parceria

7.1. DINHEIRO E OFERTA

Oferta não é dinheiro e dinheiro não é oferta. O dinheiro, na verdade, representa materialmente a confiança de quem dá naquele que recebe.

A simples troca do dinheiro por um serviço ou objeto demonstra a confiança do comprador na qualidade do serviço ou do objeto adquirido. O dinheiro depositado no banco demonstra a confiança do cliente naquela instituição financeira. O dinheiro mostra a boa-fé

de quem o dá naquele que recebe, e o devolve em forma de serviço ou bem material.

É exatamente isso o que acontece no relacionamento com Deus. Quando se dá o dízimo e a oferta, há confiança de que Deus vai cumprir Suas promessas e retornar com Suas bênçãos. Portanto, na oferta e nos dízimos há manifestação de confiança e fé na Palavra de Deus.

Quem tem fé para dar também tem fé para receber porque manifesta confiança em Deus.

7.2. QUE TIPO DE OFERTA ACOMPANHA A FÉ PRÁTICA?

Todo e qualquer tipo de oferta acompanha a fé prática, e cada oferta tem a sua própria finalidade.

Já vimos que a consciência limpa pelo perdão divino exige a oferta da confissão de pecados e do arrependimento sincero. A comunhão íntima com o Altíssimo, que é uma manifestação de fé, exige a oferta da dedicação diária às coisas de Deus, que são a oração, a consagração e a fuga do pecado. Para que essa comunhão ocorra,

são imprescindíveis tais práticas. A fé é a única moeda de troca com Deus. A cada ação dela há uma reação de Deus. E para cada manifestação de fé existe um tipo de oferta a ser apresentada. Em termos financeiros, a fé exige a semente da oferta material. Quem tem fé para dar tem fé para receber.

O simples ato de plantar já é uma demonstração de prática da fé. Porque ninguém, em sã consciência, se arriscaria a semear na areia. Antes da plantação, o agricultor prepara a terra para receber a semente. Na Obra de Deus não é diferente: o fiel acredita que essa Obra é uma “terra” frutífera, e investe nela porque confia nas

promessas divinas que nos foram profetizadas. Como as promessas de Deus não podem ser revogadas, o investidor fiel tem certeza do retorno próspero.

É quase impossível as promessas financeiras de Deus acontecerem somente mediante orações, jejuns ou vigílias. Se isso fosse possível, todos os fiéis seriam ricos. Deus exige atitude prática da fé para corresponder com Suas promessas. Isso é loucura para os que se perdem, mas para os que crêem, as Suas promessas são o poder de Deus.

Uma coisa é a pessoa trocar seu dinheiro por uma casa, carro ou outro

objeto qualquer. Nesse caso, o comprador vê o vendedor e negocia. A única moeda de troca que podemos usar com Deus, para a obtenção de Suas bênçãos, é a fé, e não o dinheiro ou coisa parecida. A partir do momento em que a pessoa expressa sua fé nas promessas divinas e deposita sua oferta no altar, está realmente manifestando sua fé, porque, apesar de não estar vendo Deus, tem coragem para depositar ali o fruto do seu trabalho. Isso é fé prática!

A oferta é estimulada pela crença na recompensa multiplicada. O Senhor Jesus nos ensina isso quando diz: “*Dai, e dar-se-vos-á*” (Lucas 6.38). Como seria o retorno econômico? Dez vezes

maior? Vinte? Trinta? Quanto?

O Senhor não estipula números; Ele apenas menciona um resultado crescente: “... *dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão.*” (Lucas 6.38).

Quando Ele profetizou tais palavras, Seus olhos estavam voltados para o mercado. Ele quis nos passar a idéia de troca. Da mesma forma que as pessoas trocavam dinheiro ou o valor de suas mercadorias por grãos, acontece com a prática da fé, pois ela é a moeda de troca no relacionamento com Deus. Vejamos, por exemplo, como o Senhor

Jesus relaciona um assunto que é estritamente espiritual com outro que é financeiro.

Primeiramente, Ele diz:

“Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados”(Lucas 6.37).

Até aqui, o Senhor trata de assunto espiritual. Porém, em seguida, sem interromper o discurso, Ele parece passar do campo espiritual para o material, dizendo: *“Dai, e dar-se-vos-á...”* (Lucas 6.38).

O que uma coisa tem a ver com a outra?

Verifiquemos em que ponto Ele passa do assunto espiritual para o material: tudo na vida acontece em torno de uma troca. Quem ama sem esperar ser amado? Quem trabalha sem esperar receber o salário? Quem negocia sem esperar lucro? Quem pratica uma religião sem esperar a Salvação da alma? Quem pratica a fé sem esperar milagres?

Em tudo na vida há a prática da troca. Deus a criou justamente para deixar que cada um tome sua própria decisão de fé. Em toda a Bíblia, Deus sempre sugere uma condição. Vejamos este exemplo: *“Se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, virão sobre ti e te alcançarão todas estas bênçãos...”* (Deuteronômio 28.2).

Quem tem fé para obedecer terá fé para colher seus frutos. Quem tem fé para trabalhar terá fé para receber o salário etc.

Ao tratar do assunto sobre dar e receber, o Senhor Jesus não está Se referindo apenas às partes espiritual ou financeira, mas a tudo! Eis o motivo pelo qual Ele mesclou um assunto espiritual com outro aparentemente material, sem interrupção.

Em tudo na vida, quem tem as mãos abertas para dar as terá também para receber, tanto na parte espiritual quanto na material. É a fé em ação relacionada com a oferta.

O Senhor Jesus garante o retorno da oferta da mesma forma que garante o perdão àquele que perdoa. A regra que vale para o perdão vale para a doação. Assim, perdoar não é uma questão de compaixão, mas de fé. Isso também ocorre em relação à oferta: fé para dar, fé para receber.

A fé se mede por meio da qualidade da oferta que se doa. Quem semeia muito é porque crê que muito mais vai receber. O jogador que tem certeza de que acertará os números desejados arrisca tudo o que tem. Assim também se dá em relação à fé na Palavra de Deus, e quem nela crê, verdadeiramente, lança-se de corpo, alma e espírito.

Quando a pessoa tem coragem para dar, torna-se merecedora de recebimento. No mundo espiritual não há objeto de troca senão a fé, conforme já dissemos. E quando a exercitamos, há o elemento da coragem que nos move a dar. Conseqüentemente, o doador se faz merecedor do prêmio que é receber multiplicado.

Quem perdoa é merecedor de perdão. Mas quem não perdoa não terá méritos para ser perdoado. Quem não julga é merecedor de não ser julgado. Mas quem julga merece julgamento.

Quem não condena merece não ser condenado. Mas quem condena será

merecedor de condenação. Quem doa merece receber boa medida, recalcada, sacudida e transbordante. Mas quem não doa não tem merecimento.

Vemos, assim, que os méritos acompanham a fé prática. É como disse Jesus: *“Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem”* (Marcos 16.17). Isto é, os sinais seguem aos que têm coragem para crer e agir.

Pedro teve coragem para crer na Palavra de Jesus e, por isso, mereceu o prêmio de ser o único homem, com exceção d’Ele, a andar sobre as águas. Portanto, podemos dizer que o segredo para se merecer as bênçãos de Deus é praticar a

fê. E essa prática exige a oferta. Jesus disse “*dai...*”, ou seja, tenha coragem para ofertar e o retorno será: “*dar-se-vos-á boa medida...*”,

7.3. O QUE SERIA BOA MEDIDA PARA DEUS?

Se considerássemos Deus como um homem comum, poderíamos imaginar essa boa medida como uma quantidade bem limitada. Mas, tratando-se do Todo-poderoso, onisciente e onipresente como Ele é, fica impossível para medirmos os limites da boa medida; principalmente

se levarmos em conta que Deus não faz nada insignificante e muito menos é exagerado quando promete alguma coisa.

Ao realizar qualquer obra, por menor que seja, é certo que Ele sempre o fará de acordo como caráter de Sua grandeza. Quem manifesta fé nas Suas promessas tem o direito – passa a merecer – de ver as Suas grandezas!

7.4. O QUE SIGNIFICA BOA MEDIDA RECALCADA?

Boa medida recalcada significa medida substancial; calcada (apertada), mas não suficientemente.

Imagine um cesto cheio de grãos, no qual precisamos colocar uma quantidade maior que a sua capacidade. Procura-se recalcar os grãos, ou seja, apertá-los bem a fim de abrir espaço para mais. O objetivo do Senhor é expandir a visão de grandeza dos Seus seguidores; libertá-los dos seus limites mesquinhos e miseráveis, e fazê-los “pensar grande” e de forma ilimitada, como Ele faz.

Foi assim que Deus teve de fazer com Abraão quando ele reclamou por um filho. Deus o tirou de dentro de sua

tenda e o mandou olhar para os céus e contar as estrelas, caso pudesse. Porque assim seria a sua descendência. Abraão logo entendeu aquela visão e creu.

Há muitos crentes que, apesar de verem as “estrelas” prometidas na Bíblia, continuam contando as estrelas do céu, como se isso fosse resolver seus problemas.

Se os verdadeiros cristãos quiserem ver as grandezas de Deus, terão de se libertar dos preconceitos doutrinários de suas respectivas denominações e se entregar numa parceria incondicional com o Espírito Santo. Deus é grande, e Seus filhos não podem pensar numa

dimensão pequena.

7.5. O QUE DIZER SOBRE BOA MEDIDA, RECALCADA E SACUDIDA?

Já vimos que recalcar significa calcar novamente o conteúdo, de um saco de grãos, por exemplo. A idéia é fazer pressão interna para abrir espaço e colocar o máximo possível de grãos. Além disso, Jesus acrescenta a palavra sacudida. Ou seja, depois de recalcar os grãos num saco, sacode-o para abrir

ainda mais espaço para receber nova quantidade do fruto.

Creio que a idéia do Senhor é alargar a visão dos Seus seguidores quanto à Sua vontade de fazer coisas grandes em suas vidas. Deus é ilimitado na Sua forma de ser e agir. Como Ele pode fazer parceria com Seus filhos se eles se mantiverem limitados no pensamento e no agir?

Não podemos esquecer de que Deus é espírito, e quando se nasce do Espírito recebe-se Sua natureza. Isto é, o nascido do Espírito é espírito. Ser espírito significa ser ilimitado, pois quem, ou o que, é capaz de limitar um ser nascido de Deus?

Ser espírito significa ser espiritual, viver num nível de vida além do material. Os valores do nascido do Espírito são nobres e eternos porque são os mesmos do Criador. Daí haver parceria com Ele e, conseqüentemente, sucesso.

Mas como quem pensa pequeno ou os filhos do mundo podem ser parceiros de Deus? Que empresário bem-sucedido aceitaria parceria com alguém fracassado?

Jesus garante que Sua vinda à Terra não foi para melhorar a vida das pessoas, mas para transformá-la definitivamente em vida abundante. Quem estiver

satisfeito com a vida que tem, permaneça como está. Mas quem anseia por uma vida melhor, e eterna, tem de ser parceiro do Espírito Santo. Porque a vontade d'Ele é dar vida com abundância!

E quando a Palavra é sobre “boa medida, recalcada, sacudida e transbordante”?

É extremamente importante notar a seqüência de multiplicação garantida pelo Senhor Jesus. Primeiro, Ele fala em boa medida. Em seguida, em recalcar a boa medida. Depois, em sacudir a boa medida recalcada. E, como se não bastasse, tudo isso generosamente

transbordante.

Do ponto de vista da matemática, isso é pura conta de multiplicação. Um excelente “negócio” entre a criatura humana e o Criador. Mas, nessa troca, a moeda é a fé.

Nas palavras de Jesus, verifica-se claramente que qualquer tipo de relacionamento com Deus – seja na parte espiritual ou material, como o não julgamento do semelhante, e sua condenação, ou na oferta de perdão (parte espiritual), como na parte estritamente material: “dai e dar-se-vos-á” (econômica) – sempre será um negócio ou uma troca que envolve uma

única moeda, que é a fé prática.

Daí a razão por que a promessa do Todo Poderoso é “(...) *fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós*” (Efésios 3.20).

Mas isso nunca vai acontecer por acaso! Nem a simples crença em Deus tornará isso possível. Para que Deus cumpra o prometido, a pessoa precisa tomar a atitude de entregar-se total e incondicionalmente a Ele, e isso é muito mais que o acaso ou uma simples crença.

O retorno de Deus depende do que lhe ofertamos. A generosidade divina não é

uma questão de compaixão, mas de fé prática. Ou seja, o cumprimento de Suas promessas depende da fé apresentada. É como já dissemos: a fé é a única moeda de troca com Deus.

O transbordamento generoso significa a ultrapassagem de todos os limites de tudo o que já foi generosamente devolvido. Passa-nos uma idéia de fartura e abundância tão significativas que não se podem medir.

Em uma determinada época de incredulidade, o Senhor lançou um desafio aos que proferiam crer n'Ele, e lhes disse: “provai-Me nos dízimos e ofertas, se Eu não vos abrir as janelas

do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida”. Verifique em Malaquias 3.10 e veja se não é assim que podemos traduzir a ordem do Senhor dada aos filhos de Jacó.

Novamente vemos o grande desejo de Deus em derramar copiosa chuva de bênçãos econômicas sobre Seu povo. Mas Ele fica limitado pela manifestação da fé do Seu povo. Ele não diz: “aguardem-Me abrir as janelas do céu e, então, derramarei sobre vós bênçãos sem medida”. Não, Ele não diz isso, mas condiciona o derramamento de bênçãos sem medida ao teste que O fazemos com a entrega dos dízimos e das ofertas. Isto é, se os que crêem O provarem

realizando essa entrega adequadamente, Ele fica na obrigação de devolver sem medida!E por que isso? Porque é Sua promessa.

O fato é que raramente os filhos de Deus pensam nas bênçãos divinas de forma ilimitada. Normalmente, falam nisso e até acreditam nessa possibilidade, por estar escrito na Bíblia. Mas, na prática, para eles, isso é um sonho não realizável. Não porque Deus não possa fazê-lo, mas por causa deles mesmos.

Isso ocorre porque a falta de visão da grandeza de Deus tem amarrado a fé de muita gente boa. Gente que – assim como eu, que, no início da fé, esperava

ter uma visão física da vontade de Deus – permanece na expectativa de uma profecia particular, ou mesmo a “revelação” em sonho.

Quanto tempo perdi até descobrir que tudo já estava bem ali, diante dos meus olhos, determinado na Palavra de Deus! Perdi, mas aprendi.

Deus não tem interesse em fazer coisas pequenas. Ele é “impedido” de fazer tal coisa pela própria natureza que tem. Usando uma linguagem mais informal, eu diria que “fica feio” para um Deus tão grande fazer coisas pequenas.

Por outro lado, segundo o Seu projeto pessoal, Deus precisa de parceiros neste

mundo para realizar Sua obra grandiosa. Quando Ele acha alguém fiel e disposto a tudo para colocar em prática Sua inspiração, então, é impossível não acontecerem coisas grandes e monumentais para Sua inteira honra e glória.

Foi assim com Noé, Abraão, Isaque, Israel, José, Moisés, Josué, Jefté, Gideão, Sansão, Davi, Elias, Eliseu; enfim, com todos os grandes heróis da fé do passado. Deus os usou nos seus respectivos tempos. Mas quem Ele quer usar nos dias de hoje? Somente aqueles que estão dispostos a depositar tudo o que são, tudo o que pretendem ser e tudo o que possuem ou venham a possuir

no Seu altar. Quem tiver essa qualidade de fé para dar receberá da plenitude do que Ele é e tem.

Resumindo: não há limites para quem crê no Deus de Abraão, de Isaque e de Israel. Além do mais, se os filhos das trevas são capazes de glorificar o diabo, fazendo coisas grandes neste mundo, maior obrigação têm os filhos de Deus.

Para finalizar, Jesus complementa Seu ensino lançando sobre os ombros dos que n'Ele crêem a responsabilidade de serem ou não abençoados de forma ilimitada.

Ninguém depende de ninguém, muito menos de condição social ou intelectual,

para ser alguém neste mundo. Está escrito que *“Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes”* (1 Coríntios 1.27).

Cada um tem a própria fé e a usa de acordo com a coragem e determinação que tem. E isso faz a diferença entre cristãos e cristãos. O Senhor diz: *“porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também”* (Lucas 6.38).

Da forma como se oferece no altar de Deus, também se receberá. Quem oferece parte de si não pode esperar

tudo de Deus. Assim, como não é justo oferecer tudo de si e receber parte de Deus. O Senhor não pode cometer injustiça. Cada um é justificado ou merecedor de acordo com a sua própria fé. Então, recebe de acordo com o que dá.

Quem tem coragem para se entregar reúne méritos para receber o prêmio do Galardoador. Foi justamente o que aconteceu com Zaqueu. Jesus não lhe pediu nada. Mas ele, por livre vontade, deu tudo o que possuía. Imediatamente o Senhor lhe premiou com a Salvação eterna.

Nenhum cristão frio, morno, caído ou

fracassado pode culpar terceiros por estar assim. Cada um é responsável por si mesmo diante de Deus. Cada um recebe de acordo com a própria fé assumida e praticada.

O Senhor também ensina que o Reino de Deus é tomado por esforço, e só os valentes tomam posse dele. Os crentes indolentes, preguiçosos e acomodados ficam de fora. Isso porque ficam na expectativa de sentir a fé.

Mas a fé não faz parte da alma, e sim do espírito! A fé sobrenatural somente se firma na Palavra de Deus com inteligência, não com sentimento nem com emoções! E quem ficar esperando

sentir fé para tomar atitude morrerá esperando.

7.6. OFERTA FINANCEIRA

A oferta financeira é apenas uma das que seguem a fé. É a mais comum e a mais conhecida. É também a necessária para o retorno material.

Quem quiser gozar das riquezas materiais não pode esperar que suas orações, jejuns e vigílias o façam prosperar. Pois como alguém que não planta poderá ter o direito de colher? Seria, no mínimo, injustiça da parte de

Deus fazer prosperar quem não tem coragem para plantar.

Quem quiser prosperar precisa pagar o dízimo e oferecer ofertas de fé para merecer colher multiplicado. São as regras impostas pelo próprio Deus. Quem não se submete a essas regras não tem direito à colheita.

Mas e os ricos? Eles pagaram dízimo e ofertaram para serem ricos? Na maioria dos casos, não! Mas os valores das riquezas divinas são infinitamente maiores do que qualquer riqueza humana. As riquezas oferecidas por Deus abrangem muito mais que bens materiais. Nelas estão incluídos:

família, saúde, bem-estar social e, sobretudo, a certeza da Salvação da alma.

São o dízimo e as ofertas que obrigam Deus a fazer a diferença na qualidade de vida do fiel. A riqueza dos ricos sem Deus não os deixa viver em paz. E, quanto mais dinheiro conquistam, menos paz têm. Já o mesmo não acontece com os ricos de Deus. Quanto mais têm, maior será a tranquilidade, porque seus corações não estão nas riquezas que possuem.

A fidelidade no dízimo e nas ofertas diz respeito à consideração de Deus como Senhor dos Céus e da Terra. O dízimo

do fiel é a primícia de todo o fruto do seu trabalho entregue ao Senhor da sua vida.

Na prática, isso significa amor, respeito, consideração e fé no Deus de Abraão, de Isaque e de Israel.

7.7. DÍZIMO: SINAL DE PARCERIA

Além do que foi dito, os dízimos também simbolizam parceria ou aliança com Deus. Na “contabilidade divina” os primeiros dez por cento são de Deus e os noventa por cento restantes são do

Seu parceiro.

A equação 10% de Deus e 90% restantes do servo caracteriza uma sociedade de fé estabelecida entre Deus e o servo. É muito mais do que uma simples questão de confiança daquele que dá n'Aquele que recebe: é sociedade com Deus!

Ninguém, em sã consciência, confiaria seus primeiros frutos nas mãos de Quem não vê, se não houvesse plena certeza de fé em Suas promessas. O servo fiel confia na fidelidade de Deus, por isso o Senhor também confia aos Seus servos Suas bênçãos sem medida.

É importante notar que a expressão

máxima não está na quantidade, mas na qualidade. Deus não exige nenhuma importância determinada, assim todos podem dar o dízimo; tanto ricos quanto pobres, cada um de acordo com o fruto do seu trabalho. O importante é que sejam os primeiros dez por cento.

O dízimo é um sinal da parceria com Deus. Eles tratam do relacionamento prático do servo com o Senhor, da criatura com o Criador. Ora, quem ousa levar as primícias da sua renda à Casa de Deus sem que esteja imbuído do sentimento de consideração e, sobretudo, de confiança n'Ele como Senhor de sua vida?

Isso é pura fé. Na prática, esse relacionamento de fé entre o servo e o Senhor fica evidente na fidelidade nos dízimos e nas ofertas. Deus não precisa de dinheiro; Ele já é Dono de todo o universo, mas, na multiplicidade de símbolos bíblicos, os dízimos ocupam o sinal de aliança ou de parceria com o Altíssimo.